



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
PROFESSOR ORIENTADOR: ELENOR KUNZ**

O BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR – A LINGUAGEM DA CRIANÇA

Autora: Daniele Jacobi Berleze

Santa Maria, Março de 2016.

**O BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR – A LINGUAGEM DA
CRIANÇA**

Autora: Daniele Jacobi Berleze

Dissertação apresentada como exigência de Defesa no Mestrado em Educação Física/ Centro de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS); Para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Elenor Kunz

**Santa Maria, RS, Brasil
2016**

Berleze, Daniele Jacobi

O BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR – A LINGUAGEM DA CRIANÇA /

Daniele Jacobi Berleze. -2016.

95 p.; 30 cm

Orientador: Elenor Kunz

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, RS, 2016

1. Concepção de Infância e Criança 2. Linguagem e Comunicação da Criança 3. Mundo Vivido, Percepção, Experiência, Corpo e Linguagem - Interpretação de alguns conceitos importantes 4. O Brincar da Criança – Significados e Definições 5. O Brincar-E-Se-Movimentar – A Linguagem Da Criança I. Kunz, Elenor II. Título.

Universidade Federal De Santa Maria
Centro De Educação Física E Desportos
Programa De Pós-Graduação De Mestrado Em Educação Física

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, _____ a Dissertação
de Mestrado.**

O BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR – A LINGUAGEM DA CRIANÇA

Elaborada por
Daniele Jacobi Berleze

Como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Educação Física**

Elenor Kunz (orientador)
Maria Cecilia Camargo Günther (UFSM)
Wenceslau Virgílio Leães Filho (UFSM) (Suplente)
Antonio Camilo Cunha (Universidade de Uminho – Portugal)
Andrize Ramires Costa (UFSC) (Suplente)

Santa Maria, Março de 2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho á minha família, aos meus amigos, meus professores, principalmente meus orientadores da graduação e especialização e em especial o professor Elenor Kunz e meus amigos Vitor Pujol e Jéssica Tolfo que ficaram sempre ao meu lado, me auxiliaram, me deram força para continuar firme, e aguentaram meu mau humor. Dedico também, á pessoa á qual me espelho, uma das minhas maiores referências, a primeira pessoa a acreditar na minha capacidade e me incentivar, a Professora Carmen Lúcia da Silva Marques, que infelizmente não está mais conosco, no entanto, nos deixou um legado de sabedoria, aprendizagem, dedicação e amor pela profissão escolhida.

AGRADECIMENTOS

Obrigado, Mestre!
Neste mundo multifacetado,
Onde o conhecimento é o único bem
Que não pode ser roubado.
Sinto-me feliz
Pelas necessidades que passei!
E eternamente grato
Pelos mestres que encontrei!
Porque é da necessidade
Que surge a vontade.
O desejo de crescer
De fazer diferente e vencer!
Nesta etapa de minha vida
Vivo um momento de transição!
Não sou mais um mero aprendiz
Sou agora do mestre um colega
O conhecimento nos agrega!
Vencendo mais uma etapa da minha vida,
Vou chegando, vou ganhando espaço,
Vou fazendo a minha corrida.
A você que muito me influenciou
Desejo espelhar-me na sua postura
No seu modo de conduzir as aulas
Na sua desenvoltura.
Obrigado querido mestre amado,
Pela resiliência,
Parabéns pela inteligência,
E sua grandiosa competência,
É incrível a sua força de vontade,
Obrigado por despertar em mim
A sabedoria adormecida
A criatividade esquecida
E a capacidade perdida.
Por me tirar do pesadelo
Fazendo-me sonhar
Os mais belos sonhos
E despertando a habilidade de acreditar.

(AUTOR DESCONHECIDO)

Agradeço a todos que me apoiaram, acreditaram na minha capacidade e, principalmente, aos que me aturaram nas fases ruins e me ajudaram muito dando força na caminhada.

RESUMO

O BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR – A LINGUAGEM DA CRIANÇA

AUTORA: Daniele Jacobi Berleze

ORIENTADOR: Elenor Kunz

A linguagem da criança é composta por símbolos e signos. Uma de suas funções é a da comunicação e do diálogo, auxiliando na construção e desenvolvimento do pensamento e conhecimento. A criança possui muitas linguagens uma delas é a do “Brincar e Se-Movimentar”. A partir disso, surge este trabalho com o objetivo de iniciar o estudo e a discussão sobre os conhecimentos teóricos acerca da linguagem da criança e do seu “Brincar e Se-Movimentar”. Partindo de uma breve pesquisa teórica, que é dedicada a formular quadros de referência, estudar, criar e (re) formular teorias, ou seja, aprimorar conhecimentos. Ela embasa e abre caminho para novas produções. A partir disso podemos perceber que a linguagem das crianças é composta por múltiplos signos e símbolos, atuando como importante ferramenta de desenvolvimento da criança. A natural, primeira forma de linguagem da criança é o “Brincar e Se-Movimentar”, que geralmente é expresso corporalmente, sendo o brincar uma forma de expressividade inerente do ser. O “Se-Movimentar” é uma forma de “compreender-o-mundo-pelo-agir” e de se comunicar com o mesmo e com as pessoas, sendo assim uma “inerente necessidade humana”. A linguagem torna-se uma forma de brincadeira, e esta se torna uma forma de linguagem, sendo um diálogo com o mundo. Esta concepção dialógica leva em consideração os aspectos mais subjetivos, livres e espontâneos, presentes na essência e intuitividade do movimento da criança.

Palavras-chave: Crianças; Linguagem; Brincar; Se-Movimentar.

ABSTRACT

PLAY AND MOVE: THE LANGUAGE OF THE CHILD

AUTHOR: Daniele Jacobi Berleze

ADVISOR: Elenor Kunz

The child language consists of symbols and signs. One of its functions is the communication and dialogue, assisting in the construction and development of thought and knowledge. The child has many languages one of which is the "Play and Move." From this, comes this work in order to start the study and discussion of the theoretical knowledge about the child's language and its "Play and Move." Starting from a brief theoretical research, which is dedicated to formulating frames of reference, study, create and (re) formulating theories, namely improving knowledge. She bases and open the way for new productions. From this we can understand that the language of children is composed of multiple signs and symbols, acting as an important development tool. The first form of natural language of child's play and Move ", which is usually expressed and the bodily play a form of expressiveness inherent be. The "If-Move" is a form of "understanding-the-world-by-Act" and to communicate with the same and with people, so an "inherent human need". The language becomes a way to joke, and this becomes a form of language, being a dialogue with the world. This dialogical conception takes into account more subjective, spontaneous and free, present in essence and intuitiveness of the movement of the child.

Keywords: Children; Language; Play; Move.

RESUMEN

EL JUEGO-Y-SE-MOVIMENTAR - EL LENGUAJE DEL NIÑO

AUTOR: Daniele Jacobi Berleze

ASESOR: Elenor Kunz

El lenguaje del niño se compone de símbolos y signos. Una de sus funciones es la comunicación y el diálogo, ayudando en la construcción y desarrollo del pensamiento y conocimiento. El niño tiene varios idiomas uno de ellos es el "jugar y moverse. De esto, viene este trabajo con el fin de iniciar el estudio y discusión de los conocimientos teóricos sobre el lenguaje del niño y su "juego y movimiento. A partir de una breve investigación teórica, que se dedica a la elaboración de marcos de referencia, estudiar, crear y (re) formulación de teorías, a saber, mejorar el conocimiento. Ella bases y allana el camino para nuevas producciones. De esto podemos entender que el lenguaje de los niños está compuesta por múltiples signos y símbolos, actuando como una herramienta de desarrollo importante herramienta de desarrollo del niño. La natural, la primera forma de lenguaje natural de un juego de niños y movimiento ", que se expresa y lo corporal una forma de expresividad inherente de ser"-mover "es una forma de" comprensión-el-mundo-de-ley "y para comunicarse con el mismo y con la gente, por lo que una "necesidad humana inherente". El lenguaje se convierte en una forma de broma, y esto se convierte en una forma de lenguaje, siendo un diálogo con el mundo. Esta concepción dialógica tiene en cuenta aspectos más subjetivos, libres y espontáneos, presentan en esencia e intuición del movimiento del niño.

Palabras clave: Niños; lenguaje; juegos; Se-Movimentar.

Sumário

1 A GUIA DA INTRODUÇÃO – REFLEXÕES INICIAIS	11
1.1 UM POUCO SOBRE A CRIANÇA.....	12
1.2 LINGUAGEM E SUA IMPORTÂNCIA	13
1.3 QUESTÕES DE PESQUISA, OBJETIVO E MÉTODO	16
2. A CONCEPÇÃO INFÂNCIA E DE CRIANÇA	20
2.1 INFÂNCIA	21
2.2 CRIANÇA.....	22
2.3 COMPLEXOS DAS CRIANÇAS.....	26
3. LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA CRIANÇA	28
3.1 COMUNICAÇÃO.....	28
3.2 LINGUAGEM: ALGUMAS PERSPECTIVAS	31
3.3 LINGUAGEM DA CRIANÇA.....	36
4. MUNDO VIVIDO, PERCEPÇÃO, EXPERIÊNCIA, CORPO E LINGUAGEM - INTERPRETAÇÃO DE ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES.....	42
4.1 LEBENSWELT – O MUNDO DA VIDA, O MUNDO VIVIDO.....	42
4.2 PERCEPÇÃO.....	44
4.3 EXPERIÊNCIA	46
4.4 ALGUNS ENTENDIMENTOS SOBRE CORPO	50
4.5 LINGUAGEM E ALGUMAS SIGNIFICAÇÕES.....	52
5. O BRINCAR DA CRIANÇA – SIGNIFICADOS E DEFINIÇÕES	56
5.1 JOGO.....	57
5.2 BRINQUEDO E BRINCADEIRA.....	58
5.3 O LÚDICO E A ATIVIDADE LÚDICA.....	60
5.4 CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO	63
5.5 O BRINCAR	67
6 O BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR – A LINGUAGEM DA CRIANÇA.....	70
6.1 O SE-MOVIMENTAR – A MANEIRA DE SER-NO-MUNDO.....	70
6.2 O “BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR” DA CRIANÇA – A LINGUAGEM EM QUESTÃO.....	75
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	85

O BRINCAR E SE-MOVIMENTAR – A INERENTE LINGUAGEM DA CRIANÇA

1 A GUIA DA INTRODUÇÃO – REFLEXÕES INICIAIS

Ao contrário, as cem existem.
 As cem linguagens da criança
 A criança é feita de cem.
 A criança tem cem mãos
 cem pensamentos
 cem modo de pensar
 de jogar e de falar.
 Cem sempre cem
 modos de escutar,
 de maravilhar de amar.
 Cem alegrias para cantar e compreender.
 Cem mundos
 para descobrir.
 Cem mundos
 para inventar.
 Cem mundos
 para sonhar.
 A criança tem
 cem linguagens
 (e depois cem cem cem)
 mas roubaram-lhe noventa e nove.
 A escola e a cultura
 lhe separam a cabeça do corpo.
 Dizem-lhe:
 de pensar sem as mãos
 de fazer sem a cabeça
 de escutar e de não falar
 de compreender sem alegrias
 de amar e de maravilhar-se
 só na Páscoa e no Natal.
 Dizem-lhe:
 de descobrir um mundo que já existe
 e de cem
 roubaram-lhe noventa e nove.
 Dizem-lhe:
 que o jogo e o trabalho
 a realidade e a fantasia
 a ciência e a imaginação
 o céu e a terra
 a razão e o sonho
 são coisas
 que não estão juntas.
 Dizem-lhe
 que as cem não existem.
 A criança diz:
 ao contrário, as cem existem.
 (MALAGUZZI, 1995, p. 1)

1.1 UM POUCO SOBRE A CRIANÇA

Atualmente somos levados a pensar que as crianças necessitam, incessantemente, de incentivos para aprender, se desenvolver, se tornarem adultos melhores, capazes, bem-sucedidos, são vistas como indivíduos mais jovens, sendo preparados para o mundo competitivo. Com isso apresentam a agenda cheia de afazeres, é escola, os mais variados cursos, esportes, tudo para torna-los “mais inteligentes” (HIRSCH-PASEK, 2006).

A criança interessa na medida em que se tornará: um adulto. É tida como, um receptáculo vazio que os adultos devem encher com orientações, um ser passivo, imaturo, necessitando de cuidados, incapaz (SILVA, 2007). Esta visão não é atual, vem de séculos de desconsideração do Ser Criança, de suas vontades, necessidades, sonhos.

Assim, o homem vem estabelecendo uma visão adultizada da criança e da infância, bem como estabelece que o grande momento da vida seja a fase adulta, desconsiderando as especificidades das demais fases. Com isso a criança é considerada outro eu do adulto (SANTIN, 2001). Ou seja, é tida “Enquanto potencial humano a ser colocado em reserva, matéria maleável do homem por vir” (SCHÉRER, 2009, p. 17).

Pensar a criança implicaria o adulto se despir de suas concepções e de seus preconceitos em sua relação, e sair da ideia de tê-la como um “adulto em miniatura”, ou algo a vir a ser, sempre uma possibilidade, um ser inacabado, algo a ser moldado. Devemos pensá-la de forma mais crítica e dialógica, como um ser único, um sujeito pensante, produtor e construtor de conhecimento e linguagem.

Recentemente, seja a partir dos aportes da sociologia, da filosofia ou da educação têm sido feitos esforços teóricos para construir uma ideia de crianças e de infâncias de maneira positiva. Como aquelas que já são, não apenas aquelas projeções do futuro, mas sim seres que possuem singularidades, linguagens, culturas, estéticas próprias, válidas e valiosas.

Busca-se, com essas pesquisas, mostrar uma valorização da infância e da criança, pensar com as crianças e não apenas pensar as crianças ou sobre as

crianças. A partir desta visão Silva (2007) discute a ideia de Pinto (1997) de que a infância deveria ser vista e considerada na esfera social, em uma abordagem mais sociológica, e para isso seria necessário:

(i) desconstruir as representações sobre a infância – distinguir como determinada etapa da vida (etária), da infância como conjunto social de características heterogêneas (infâncias); (ii) reconhecer os mundos infantis como dotados de um certo grau de autonomia – é preciso considerar a criança como ativa nos sistemas sociais e que há realidades sociais que só a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos podem ser analisadas [...] (SILVA, 2007, p.41)

Assim sendo, devemos ver as crianças como atores sociais, ou seja, são capazes de criar e modificar culturas, conhecimentos. O Ser Criança não é algo homogêneo variando entre as culturas, sociedades, comunidades. Devemos perceber a criança nas suas individualidades tanto sociais como individuais, a reconhecendo como uma produtora de linguagens, culturas, conhecimentos, aprendizagens, que se expressam crítica e criativamente e que também são capazes de interpretar as coisas do mundo, que quando o faz livre é de maneira mais criativa.

1.2 LINGUAGEM E SUA IMPORTÂNCIA

Uma das primeiras abordagens de aquisição da linguagem pela criança foi elaborada por Skinner¹, em que ela é reduzida a respostas verbais, em um esquema de estímulo respostas, é aprendida por imitação e reforço. Um dos principais fatores de desenvolvimento da linguagem é aprendizagem, treinamento.

A partir dos anos 60 surgiu o movimento querendo dar conta do aspecto criativo da linguagem, abordando que o ser humano tem uma capacidade inata para linguagem. Esses grupos são chamados de Inatistas, e trabalham com a ideia que a linguagem é um conjunto de sintaxes, considerada como um conjunto de regras.

¹ Skinner foi um dos mais influentes psicólogos do século XX, ou seja, da psicologia científica moderna. Estabeleceu as bases metodológicas para o estudo científico do comportamento de organismos não humanos, em laboratório, sem perder de vista o comportamento humano, seja ele simples ou complexo, do indivíduo só ou em grupo, enfim, de todas as possibilidades da ação humana. Skinner desenvolveu também instrumentos básicos para o estudo sistemático das relações comportamentais do organismo com o seu meio ambiente. (CUNHA & VERNEQUE, 2004, n/p)

A linguagem vem sendo estudada do ponto de vista linguístico, biológico, e não à função simbólica, constituída de signos próprios. Há uma supervalorização da linguagem verbal e escrita, sendo assim, muitas vezes, pensamos que as crianças não são detentoras e produtoras de saberes e de linguagens. Entretanto a sua desempenha funções muito mais complexas, pois:

[...] é evidente que muitas expressões, que para nós têm um sentido simplesmente conceitual, sempre tiveram para criancinha um sentido não apenas afetivo, mas também quase mágico a modos de agir particulares, que merecem ser estudados em si mesmos [...] (PIAGET, 1993, p. 3)

Mostramos aqui um entendimento de Linguagem como uma capacidade de produzir informação e conhecimento. Sendo constituída por um conjunto de signos ou símbolos, que vão adquirindo significados com o passar do tempo e que pode ser expressa de muitas formas.

Os signos são entendidos por Merleau-Ponty, em diferentes obras, como meios de diferenciação da linguagem, e designa um poder expressivo. No entanto, não contem significados sozinhos, mas, em um conjunto de signos, não nos traz o significado real, já que podem ganhar novos significados dependendo das vivências das pessoas.

No que se refere á linguagem, para Merleau-Ponty² (1991), os signos tem uma relação lateral com eles mesmos o que os tornas significantes, e seu sentido é envolvido diretamente na linguagem, e esta vai além dos signos, vai rumo a eles.

Já os símbolos são algo refletido, o sentimento e emoções que provocam. O símbolo é precisamente o afastamento e o esquecimento do aspecto “coisa”, algo sem sentido, significado, é o que nos dá o acesso a algo mais, que nos remete ao sentimento de algo mais, é o ato de identificação com algo. Sendo assim, podemos definir que os signos seriam uma parte do mundo material e os símbolos uma parte do mundo dos sentidos, com significados mais profundos.

Um dos fatores por ser importante o estudo da linguagem é por esta ser um acessório na construção do conhecimento, comunicação do pensamento, sendo esta última um dos fatores mais relevantes (VYGOTSKY, 2009). Para o mesmo autor a linguagem é um fator primordial da vida humana pelo fato de que define um salto

² Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo fenomenólogo francês.

qualitativo no desenvolvimento da espécie humana.

A linguagem e o pensamento são constituídos a partir da construção da função semiótica. São formas para o ser se adaptar ao meio, de se socializar e expressar o pensamento e se torna para criança a primeira forma de comunicação e socialização e expressão.

Sendo expressão inicial do desejo, “a linguagem empregada na atividade infantil fundamental – a brincadeira – é tanto uma linguagem de gestos, movimentos e mímicas como de palavras” (PIAGET, 1993, p.30). O mesmo autor ainda complementa dizendo que toda a linguagem que é ligada a ação, principalmente as brincadeiras, será mais socializada.

Wallon³ entende o brincar, que é feito muitas vezes através do movimento, como uma atividade própria da criança e uma etapa de sua evolução total, sendo composta por períodos sucessivos. Em suma, para ele, a única atividade essencial das crianças é brincar.

Simão (2005) nos explica que as crianças brincam para satisfazer a necessidade básica que é viver na brincadeira. Assim, Wallon⁴ acredita que é através da brincadeira que a criança expressa seus desejos, sua compreensão do mundo e se comunica com ele, exteriorizando e expressando seu pensamento. Nesse sentido é no brincar que a criança cria o mundo que ela deseja, sonha ter, tornando-se mediador entre “criança/mundo/realidade” (SANTIN, 2001).

Acreditamos que o brincar é uma das primeiras formas de expressividade da criança, uma maneira dela se comunicar com o mundo, de interagir, e de se conhecer, uma fonte de fomentar a criatividade e a imaginação. Sendo um modo de expressão dos desejos, pensamentos é uma forma inerente de linguagem da criança.

O Brincar é simbologia, linguagem, maneira de pensar e agir, um modo de ser, “Brincar significa fazer o corpo sentir, amar, viver e vibrar” (SANTIN, 2001, p. 57). O autor citado acredita que é esta a principal maneira da criança se relacionar consigo mesma, com os outros e com o meio, sendo indispensável para aquisição de funções elevadas do cérebro, como imaginação, inteligência, memória.

³ (1989, 2007)

⁴ (1989, 2007)

“O brinquedo se transforma numa linguagem simbólica que, uma vez interpretada, nos leva á realidade inconsciente da criança.” (SANTIN, 2001, p. 47). O mundo da criança é brincar, e este acontece quando ela está em liberdade para se movimentar, criar, se expressar, já que o movimento é expressividade, é gesto, é linguagem, é comunicação.

O corpo da criança está em constante movimento e para Silva⁵ (2007) é a partir dele que podemos desenvolver nossa linguagem, no sentido de diálogo, comunicação, como também exteriorizar nossas experiências vividas. A partir disso, Kunz (2004) explicita que as crianças descobrem o mundo a partir do "Se-Movimentar", assim o referido autor afirma que a linguagem específica da criança é o "Brincar-e-Se-Movimentar", que deve ser livre e espontâneo.

1.3 QUESTÕES DE PESQUISA, OBJETIVO E MÉTODO

O interesse pela pesquisa surge a partir de discussões e estudos em grupos de pesquisa e a constatação do déficit de pesquisas nessa temática, bem como a partir de uma curiosidade, pois a maioria das pesquisas existentes sobre linguagem é referente à linguística, fala, seus distúrbios, normalmente não fazendo referência a outros tipos de abordagens da linguagem, como a qual estamos propondo.

A problemática se faz instigante pela complexidade da linguagem e principalmente da linguagem da criança, por esta ser composta por símbolos e signos e que para Merleau-Ponty⁶ é expressividade e comunicação, que ocorre também e primordialmente com o corpo. Para este autor o corpo cria significações e se comunica, dando sentido ao movimento corporal, uma intencionalidade, é ele que vai refletir o mundo vivido da pessoa.

Dessa forma o tema central da nossa investigação é a Linguagem da Criança e o seu Livre Brincar e Se-Movimentar, suas influências e caracterizações. Este trabalho tem o objetivo de iniciar a discussão sobre a linguagem da criança e seu “Brincar e Se-Movimentar”. Ou seja, trazer algumas perspectivas sobre o Brincar e Se-Movimentar da criança como forma de linguagem.

⁵ (Doutora em Educação pela USP)

⁶ (1991, 2006)

Para isso recorreremos a autores de renome nas temáticas norteadoras da pesquisa, tais como Piaget, Vigotsky e Wallon para as questões de linguagem e desenvolvimento no sentido linguístico e desenvolvimento. Merleau-Ponty para a linguagem no sentido ontológico, dialógico e comunicativo. E Santin, Larrosa, Kunz, para questões relacionadas ao lazer, experiência, linguagem como Brincar e sobre o Brincar-e-Se-Movimentar. Todos relacionados a outros autores bem como artigos e escritos relacionados.

Pretendemos com esta pesquisa aprofundar conhecimentos teóricos sobre a linguagem da criança, ao que ela está relacionada, seu desenvolvimento, sua influência no brincar e no seu Se-Movimentar. Sendo o Brincar e Se-Movimentar estudado com mais profundidade, conduzindo nosso olhar para a compreensão da linguagem em toda sua complexidade.

Para alcançar os objetivos propostos esta pesquisa terá um viés fenomenológico, mais embasado na visão de Merleau-ponty. Além de apresentar um delineamento de pesquisa teórica, a qual é dedicada a formular quadros de referência, estudar teorias, criar, (re) formular teorias, ou seja aprimorar conhecimentos, que segundo Demo (1991):

[...] assume o papel de incentivo à pesquisa, na condição de propedêutica, ou seja, como instrumento fundamental para construir a capacidade de construir conhecimento. Sendo conhecimento construtivo fator instrumental das inovações na sociedade e na economia, a questão da ciência, da pesquisa e do conhecimento adquirem relevância particular na formação dos alunos e passa a figurar entre os desafios essenciais do sistema educacional como um todo. (DEMO, 1991, p. 30)

A pesquisa teórica embasa, abre caminho para novas produções, como também auxilia a subsidiar e aperfeiçoar as intervenções. Ela busca ampliar a capacidade de argumentação, ponto fundamental da temática, já que a linguagem é um dos temas menos abordados em pesquisas na educação física, principalmente sua função simbolizadora (SANTIN, 2001).

Ainda Kunz (2012) expõe que há poucas pesquisas que estudam temas como emoção, percepção e suas relações com o Se-Movimentar do homem. Sabemos que:

“Pesquisa teórica” pode parecer algo estranho, mas, olhando bem as coisas, é indispensável, como formulação de quadros explicativos de referência,

burilamento conceitual, domínio de alternativas explicativas na história da ciência, capacidade de criação discursiva e analítica. (DEMO, 1990, p. 21)

O pesquisador tem responsabilidade por aquilo que pesquisa e escreve, deste modo, há sempre as intenções dos pesquisadores nas suas pesquisas e na escolha do seu método, que no nosso caso, é o qualitativo, ou seja, com uma abordagem interpretativa com foco qualitativo e predominantemente teórico. A escolha pela pesquisa teórica se deu pelo fato de que ela não desconsidera o contexto e o mundo real, e possui os seguintes elementos:

- a) conhecer a fundo quadros de referência alternativos, clássicos e modernos ou teóricos relevantes;
- b) atualizar-se na polêmica, sem modismo, para abster-se e desinstalar-se;
- c) elaborar precisão conceitual, atribuindo significado estrito aos termos básicos de cada teoria;
- d) aceitar o desafio criativo de propor a fixação teórica, para que a prática não se reduza à prática teórica, e para que a teoria se mantenha em seu devido lugar, como instrumentação interpretativa e condição de criatividade. (DEMO, 1996, p.23)

Para realização desta pesquisa teórica, o ponto mais importante foi definir a sua temática central e seus autores de referência, configurando-se este o nosso primeiro passo na pesquisa, foi delimitar o tema a ser pesquisado, a problemática de pesquisa e o aporte teórico a ser utilizado, assim decidindo também os caminhos teóricos metodológicos a serem seguidos.

Após esta decisão foi preciso um grande aprofundamento na leitura desta temática de investigação. O nosso segundo passo na pesquisa foi iniciar a escrita do projeto na forma que a dissertação fosse organizada em capítulos, optando-se por iniciar por uma breve introdução com informações gerais e aportes metodológicos.

O primeiro capítulo intitulado Concepção de Infância e Criança está subdividido em três subcapítulos intitulados Infância, Criança e Complexos das Crianças. Este traz questões como sua trajetória na sociedade, seu papel social, desenvolvimento.

O segundo capítulo, Linguagem e Comunicação da Criança, é composto por três partes, a Comunicação, a linguagem: algumas Perspectivas e Linguagem da Criança. Este capítulo está abordando a questão da linguagem, comunicação e

linguagem da criança, suas características, especificidades, desenvolvimento, influências na vida, no desenvolvimento e no pensamento da criança.

O terceiro capítulo, Mundo Vivido, Percepção, Experiência, Corpo e Linguagem - Interpretação de alguns conceitos importantes é dividido em: Lebenswelt – O Mundo da Vida, O Mundo Vivido; Percepção; Alguns Entendimentos Sobre Corpo; Experiência; Linguagem e Algumas Significações. Trazemos nosso entendimento de questões como mundo vivido, percepção, corpo, experiência, linguagem.

O quarto capítulo intitulado O Brincar da Criança – Significados e Definições está subdividido em: Jogo; Brinquedo e Brincadeira; Lúdico e a Atividade Lúdica; Criatividade e Imaginação; O Brincar. Discutimos a questão do jogo e do brincar e brincadeiras/brinquedos, da imaginação, da criatividade, da ludicidade, suas diferenças e características, abordando os pontos, na nossa visão, importantes.

No quinto capítulo, O Brincar-E-Se-Movimentar – A Linguagem Da Criança dividimos em O Se-Movimentar – A maneira de ser-no-mundo e O “Brincar-e-Se-Movimentar” da criança – A linguagem em questão. Nele abordamos as questões referentes ao movimento humano, experiência, corpo e ao Se-Movimentar da criança e sua intencionalidade, bem como ele como linguagem e o Brincar-e-se-Movimentar como a linguagem da criança.

2. A CONCEPÇÃO INFÂNCIA E DE CRIANÇA

“Ser criança é acreditar
Que tudo é possível.
É ser inesquecivelmente
Feliz com muito pouco.
É tornar-se gigante diante de
Gigantescos pequenos obstáculos.
Ser criança é fazer amigos
Antes de saber o nome deles.
É conseguir perdoar muito
Mais fácil do que brigar.
Ser criança é ter o dia
Mais feliz da vida, todos os dias.
Ser criança é o que a gente
Nunca deveria deixar de ser”.

(Gilberto Reis)

As concepções de criança e infância quase sempre são utilizadas como sinônimos, entretanto cada uma possui suas particularidades. O conceito de criança, de acordo com Carvalho e Schwengber (2014) está ligado á faixa etária, elas são sujeitos concretos.

Os mesmos autores enfatizam que o conceito de infância refere-se a representações e construções sociais, referentes aos sujeitos crianças. Ainda complementa Sarmiento (1997, apud CARVALHO E SCHWENGBER 2014) que:

[...] é importante pensar as categorias infância(s) e criança(s) não como se fossem sinônimos. A infância é a construção cultural que estrutura o contexto das experiências possíveis para ser criança. A infância é uma categoria sociológica do tipo geracional, ela não é dado natural e tampouco

universal. O conceito de infância é heterogêneo, pois existem múltiplas representações de infância. (CARVALHO E SCHWENGBER, 2014, p.390)

Com essa diferenciação e constante engano nos significados, achamos pertinente conceituação da Categoria Social Infância (construção cultural, categoria composta por crianças) e de Criança (Ser, sujeitos concretos).

2.1 INFÂNCIA

Não há uma concepção singular de infância, com isso ela é entendida de muitas maneiras, em diferentes culturas, regiões. A infância é uma categoria socialmente construída, por isso assume diferentes características. Sarmiento e Pinto (1997) consideram a infância como uma categoria social, uma estrutura, em que todas as crianças passam, mas sua concepção muda de geração em geração. Os mesmos autores ainda explicam que esta categoria constitui um conjunto de representações sociais e de crenças que a instituem como categoria própria.

Costa (2011) frisa, em seu estudo, que até por volta do Século XII a infância era um período de transição, em que não se separava sequer as crianças dos adultos nem por roupas ou por brincadeiras. Já Honoré (2009) explica que antigamente se acreditava que nem existia infância, até por que elas se vestiam como os adultos e não eram consideradas como cidadãos.

Parte-se do princípio de que a infância é uma categoria resultante da modernidade e das inúmeras modificações nas ciências, na política, na educação, que ocorrem desde o século XVIII. Desde então, se reconhece a infância como categoria da modernidade resultante das modificações na estrutura política, social, educativa e cultural.

E foi apenas em 1924 que se iniciou a considerar a criança e olhar para ela como um ser abençoado, gracioso e frágil, necessitando de cuidados. Neste período são vistas como sujeitos distintos dos adultos, principalmente no tocante à natureza das atividades que lhe são eleitas como próprias: o brincar e o jogar. Assim sendo, a infância é vista como uma categoria inventada, composta por seres incompletos (COSTA, 2011).

Com isso, durante muito tempo, e até hoje, a ideia da infância ficou aprisionada por uma visão centrada, no que podemos dizer, negatividade: a criança foi vista como frágil, sem palavra, como algo que será, mas ainda não é, como um devir (STAVISKI, 2010). As pesquisas, portanto, ficaram prisioneiras na visão do devir, tendo a criança como aquela que ainda não é, que será. Ou seja, a criança interessa na medida em que se tornará: um adulto.

Com isso, para Moss (2002, apud SILVA n/d) é necessário superar a visão dominante que se tem da criança como reprodutora de cultura e conhecimento, biologicamente determinada por estágios de desenvolvimentos universais. Ou ainda, a criança como ser humano imaturo que está se tornando adulto, ou um adulto em potencial.

Recentemente, seja a partir dos aportes da sociologia, da filosofia e/ou educação têm sido feitos esforços teóricos para construir uma ideia de crianças e de infâncias de maneira positiva. Como aquelas que têm e que já são, que possuem singularidades, linguagens, culturas, estéticas próprias, válidas e valiosas. Assim:

[...] a infância é uma etapa que deve ser vivida em si mesma, como parte da vida e não como preparação para a vida; a criança deve ser vista como: construtora, cidadã, agente, membro do grupo (MOSS, 2002, p. 242 apud SILVA, n/d, p. 3).

Mas a categoria social Infância veio ganhando ênfase social combinado a crise do capitalismo, pois necessitava-se formar trabalhadores, formar as personalidades das crianças desde a educação, na escola, assim se volta o interesse para as crianças, como uma esperança no futuro (COSTA 2011). Isso porque, como salienta Santin (2001, p.46) “a fase adulta é o grande momento da vida humana. A infância a esperança do futuro. A velhice a fase da decadência”, tudo sendo visto pelo adulto de idade madura.

2.2 CRIANÇA

A concepção de criança não é algo fixo, pelo contrário, ela vem se modificando e constituindo conforme a passagem do tempo, não sendo homogênea,

nem dentro das sociedades, nem em épocas. É possível observar dentro de uma mesma sociedade diferentes maneiras de se tratar a criança, sua concepção, formação, forma de serem consideradas. Assim sendo:

“Ser criança” então, varia entre sociedades, culturas e comunidades, assim como há diferenças individuais, de classes sociais, etnias, gêneros, culturas e espaços geográficos de residência. O Ser Criança tem, portanto, as formas de Ser. (SILVA, 2007, p.42)

A criança é um ser social, cultural e geracional, por isso considerada um ator social de plenos direitos. Atualmente a visão que a sociedade tem da criança é de um “adulto” em miniatura, que necessita cuidado, educação, uma formação dita “completa”. Ela é um trabalhador em potencial, por este motivo que sua formação deve ser a mais completa possível, e cada sociedade forma seu adulto, as escolas são preparadas para uma formação mais integral do ser.

A criança se torna assim uma fonte de preocupação constante, principalmente, com sua educação, carreira e futuro (COSTA, 2011). Assim, a criança é vista como um ser inocente, imaturo, passivo e necessitando de orientações dos adultos, que a veem como um receptáculo vazio, para ser preenchido, de saberes tidos como corretos, com isso há uma adultização das crianças e da infância (SILVA, 2007).

Conforme analisa Honoré (2009) as crianças são alvo de muita ansiedade e estresse, pois têm sua agenda lotada, toda preenchida, com inúmeras atividades extracurriculares. Este estresse está fazendo com que elas acabem tomando remédios para aguentarem o ritmo dos seus afazeres e para amenizar a pressão que os pais fazem nelas. As crianças se sentem como um projeto inacabado em que os pais trabalham para aperfeiçoar.

Ao discutir essa questão, Staviski (2010), apresenta a ideia de que acontece uma inversão da lógica ao pensar a criança, já que se estuda na perspectiva do adulto só depois se pensa no real desejo e necessidade das crianças. Assim, adapta-se a criança ao mundo adulto, fazendo com que ela perca sua essência, para só após estudá-la em uma concepção adultocêntrica. O devir-criança instala-se [...]

[...] instala-nos no distanciamento: distanciamento absoluto em relação a

qualquer forma de devir adulto, devir familiar para o qual ela se limita a se um único período da infância, evolutivo, aquele que conduz á idade adulta; e um único destino final, aquele que transforma em sujeito, que lhe serve de “estrutura”. Pensar o devir-criança, pensar a infância a partir dele, em sua esfera, é rejeitar o acervo de ideias, os pesados grilhões e disfarces impostos á infância pela tradição pedagógica e psicológica, bem como pelo universo psicanalítico com seus estágios, suas transferências, suas castrações, sua subordinação da infância á uma significação única, á verticalidade de uma única ereção. (SCHÉRER, 2009, p.193)

Apresentado o devir-criança Schérer (2009, p.203) expõe que há uma dissolução, dissociação e dispersão da “criança-pessoa” no momento em se há apenas um olhar para a criança como um ser imobilizado necessitando de propulsão. Com isso propõe uma problemática “Quem pode mostrar a criança como ela é?”.

Por sua vez Merleau-Ponty (2006, p.84) explica que “o adulto aprende a conhecer-se e a ensinar a criança. Em nossas relações com a criança, à criança é aquilo em que nós a transformamos”. Portanto no desenvolvimento da criança existem inúmeros fatores que o influenciam, que de acordo com Oaklander (2006, apud COSTA 2011), são a confluência, o egocentrismo e a introjeção.

A confluência é a fase em que a criança luta pela independência, apesar da união com seus pais, apresenta muitos avanços e recuos, e inicia muito cedo na vida da criança. O egocentrismo é a fase em que a criança não aceita algo diferente do seu entendimento, devido a ele a criança desenvolve um sentimento de que tudo de errado que acontece é sua culpa.

E por último a introjeção é uma afirmação que nos atribuímos e assumimos, ou nos atribuem como “etiquetas”. As crianças incorporam facilmente as etiquetas e sofrem com elas. (OAKLANDER 2006 apud COSTA 2011) Este desenvolvimento ocorre, de acordo com o mesmo autor, com contato visual e com interação interpessoal. Por isso Honoré (2009) defende a ideia de que:

[...] as crianças se desenvolvem quando têm o tempo e o espaço para respirar, para ficar à toa e para se aborrecer algumas vezes, para relaxar, assumir riscos e cometer erros, sonhar e ter prazer com suas próprias coisas, e até mesmo para fracassar. Se quisermos restaurar a alegria não só da infância, mas também dos pais, chegou a hora de os adultos se retirarem um pouco e permitirem que as crianças sejam elas mesmas. (HONORÉ, 2009, p.33)

A partir das relações estabelecidas pelas crianças Silva (2007) esclarece que os adultos, ao se relacionarem com as crianças, as veem como submissas e

receptoras dos saberes provenientes deles, sem serem vistas como sujeitos ativos e criativos, produtores de cultura, linguagens e conhecimentos. Corroborando com esta ideia Maturana (2004) explica que:

A criança deve ser respeitada em sua dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer seja o tipo de vida lhe caiba. (MATURANA, 2004, p.19-20)

Para Santin (2001) a única maneira das crianças serem respeitadas é sendo elas mesmas, e a única atividade livre por excelência é a lúdica, que pode se manifestar pela linguagem como um impulso, através da brincadeira. Mas sempre se esquece de um ponto importante, que lembra Verden-Zöllner (2004), em que todos os seres a todo instante tem presente a sua história biológica que domina sua corporeidade e não permite a vivências fora das suas possibilidades.

A autora complementa relatando que a criança só chegará a ser um ser humano a partir das interações com os outros, ou seja, “O ser humano que um humano chega a ser vai se constituindo ao longo da vida humana que ele vive” (VERDEN-ZÖLLNER, 2004, p. 125). As crianças interagem com os outros através do corpo, de sua corporeidade, de suas vivências e experiências.

Com estas ela dialoga com o mundo, estabelece uma forma de linguagem própria, composta por signos e símbolos. Silva (2007) reflete que esta experiência é uma ação perceptiva e é conseguida através do movimento, ou do sujeito que se movimenta. O Brincar é a linguagem específica da criança, e se apresenta como um diálogo com o mundo.

Para pensar a criança o adulto deveria se despir de suas concepções e de seus preconceitos em relação às crianças, e sair da ideia da criança como um “adulto em miniatura”, ou algo a vir a ser, sempre uma possibilidade, um ser inacabado, algo a ser moldado. Devemos pensar a criança de forma mais crítica e dialógica, como um ser único, um sujeito pensante, produtor e construtor de conhecimento e linguagem. Elas devem ser valorizadas como sujeitos e produtoras de cultura.

2.3 COMPLEXOS DAS CRIANÇAS

Além da criança no seu desenvolvimento ter que lidar com interferências sociais com inúmeros complexos durante os processos deste. O complexo deve ser entendido na perspectiva de Merleau-Ponty (2006), que discute Lacan (1984), o qual o classifica como conduta normal do desenvolvimento.

Complexo = atitude estereotipada em relação a certas situações, de algum modo o elemento mais estável da conduta, sendo o conjunto dos traços de comportamento que se reproduzem sempre que há analogia entre certas situações. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.103)

O mesmo autor classifica os complexos em três, discutindo Lacan (1984) para escrever sobre eles, chama-os de: o complexo do Desmame, o complexo de Intrusão e o complexo de Édipo. O Complexo do Desmame está ligado à separação e acompanhado a dificuldades enfrentadas pelas crianças de alguns meses como dentição, marcha, se inicia a ideia de “paraíso perdido” (MERLEAU-PONTY, 2006).

Algumas consequências deste complexo são neurose gástrica, como também o que Freud chamou de “pulsão de morte”, que deve ser entendida como uma insuficiência vital, ou seja, falta de vontade de viver após o desmame, e anorexia mental. Merleau-Ponty (2006, p.105) complementa explicando que o “complexo do desmame nunca é um simples derivado da ablactação, mas um desenvolvimento e um enriquecimento de uma atitude tomada no início da vida.”.

O Complexo de Intrusão é, o que o autor acima se refere, ciúme do irmão, ou luta pelo amor dos pais, tentando ao mesmo tempo se identificar com os outros e se afastar na sua individualidade. Para isso, uma etapa importante é o autoconhecimento corporal, em um espelho, foto, quadro, na qual ela se reconheça, para haver a integração do corpo com a consciência proprioceptiva, mas também permite que a pessoa se feche em si mesma.

E o Complexo de Édipo que o autor acima define, baseando-se em Freud, como sendo um apego incestuoso ao genitor do sexo oposto. Este complexo é o que determina o desenvolvimento ulterior do indivíduo, é um dos primeiros pontos em que a criança conhece o mundo exterior, distinto de si.

Merleau-Ponty (2006) pontua em sua obra a visão de Lacan, sobre este complexo ter uma função negativa de repressão e uma positiva de sublimação e

formação.

A função de repressão funciona para reprimir os “impulsos sexuais”, representando um importante papel na formação do “superego”, principalmente com o abandono da ideia de satisfação imediata. Já a função de sublimação funciona como um reflexo, um ideal a ser alcançado pelas crianças, do adulto que elas querem se tornar.

Ou seja, como Merleau-Ponty (2006) destaca as crianças ao se identificarem com os pais, formam a sua figura de autoridade ou repressão e os pais se identificam com os filhos para prover uma conduta de solidariedade e cumplicidade com ele. Assim, o passado determina a condição atual do ser, o desenvolvimento da criança determinará o adulto que ela se tornará.

3. LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA CRIANÇA

“Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração.”

(Nelson Mandela)

A linguagem legitima o pensamento humano, e sua história social. Ela é um meio de produção do conhecimento e comunicação, que se adapta aos fins a que se destina. Reudell (2014, p.427) caracteriza a linguagem como “uma dimensão do ser humano, mantida numa relação tão restrita que resulta em uma impossível separação real entre sujeito e objeto”.

Complementando, Merleau-Ponty (2006, p. 566) trata a linguagem como um “fenômeno de comunicação”, um emprego de signos com comunicações abertas; “comunicando, ela exprime um movimento de pensamento”. A linguagem é um sistema simbólico de comunicação.

Silva (2007) conclui que desenvolvemos nossa linguagem a partir do movimento no sentido da criação, do diálogo, em uma dimensão comunicativa. Esta dimensão comunicativa acontece a partir do movimento corporal e expressivo, que é simbólico.

3.1 COMUNICAÇÃO

“Comunicar é comunicar-se em torno do significado e significante” (FREIRE, 1983, p. 67). A comunicação pode ser entendida como uma reciprocidade entre os sujeitos, dotada de signos que possuem o mesmo significado para os sujeitos comunicantes. Ela é dada com o dialogar e interagir do sujeito com o mundo e com os objetos.

A interação é mediada pela linguagem, que se orienta por normas de

comunicação, que estabelecem entendimentos e comportamentos na/da ação. Na base da Teoria Comunicativa está a razão dialógica realizada nesta ação comunicativa dos sujeitos na sociedade (AHLERT, 2008).

A comunicação, uma atividade humana que todos os seres praticam, uma prática cotidiana, uma forma de se manifestar, de “estar-no-mundo” (RECTOR & TRINTA, 1990). Esta comunicação é realizada por mensagens, uma transmissão de mensagens, feita por códigos de entendimento mútuo.

O agir comunicativo visa este entendimento em que as ações e os objetivos sejam alcançados comunicativamente (PEREZ, 2012). A ação comunicativa se estabelece a partir da intencionalidade dos envolvidos. Em síntese, ela surge da interação entre sujeitos que estabelecem relações para a compreensão de uma situação e chegam a um acordo para coordenar suas ações pelo entendimento mútuo (PINTO, 1995).

Complementando o entendimento Kunz (2012) citando Mollenhauer (1972) denomina que a ação comunicativa são ações com finalidade nos sujeitos participantes, que pretendem alcançar a compreensão do sentido e dos objetivos das ações. Freire (1983) defende que a comunicação verdadeira não é a simples transferência ou transmissão de um conhecimento, mas um ato coparticipante entre os sujeitos dos seus significados (conceitos) e significantes (imagens acústicas).

O mesmo autor ainda estabelece que, esta comunicação verdadeira, ocorre partir do emocionar, comunicando um conhecimento ou um estado mental. Refere-se assim à comunicação em que o sujeito causa no outro um estado emocional, este atua como uma forma de contágio entre os envolvidos.

Uma das formas mais comuns de comunicação é a corporal que tem a idade do homem, pois surge com ele, com um comportamento expressivo dos movimentos do corpo. Os movimentos corporais como comunicação, são “possíveis de serem interpretados como linguagem não verbal, quando percepções e sensações se expressam pelo movimento corporal” (KUNZ, 2012, p.137).

Com isso podemos entender que:

[...] uma comunicação do corpo por via de uma análise de unidades discretas (signos), será sempre necessário levar-se em conta referências contextuais, tais como onde, quando e em circunstâncias (materiais) e situações (sociais) tal ou qual comportamento teve lugar. Em todo ato de comunicação estão envolvidos um emissor, um código, um canal, uma

mensagem, um contexto e um receptor. As mensagens compõe-se, portanto, de signos que possuem significados e veiculam informações. (RECTOR, TRINCA, 1990, p.15)

Os signos tem a função de representar o que se está comunicando. O gesto é um tipo de signo e uma forma de comunicação do corpo. Esta última é o que nos faz ter uma participação e interação social. Os autores acima se referem à expressão gestual como uma intenção cognitiva, expressiva ou descritiva, quanto á referências de ordem afetiva e de total liberdade para experimentar.

Santin (1987, p.26) corrobora com o pensamento de que “O homem é movimento, o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora”. A comunicação pode ser entendida como o que se vê e o que é visto, o que se ouve e o que se é ouvido, o que se toca e o que se é tocado e as trocas comunicativas é o que se é o que se percebe pela experiência.

Devemos pensar a comunicação das crianças como um movimento expressivo, como manifestam seus desejos, pontos de vista, aprendem e ensinam. Elas se comunicam através de um movimento expressivo, de um olhar, cheiro, toque, é assim que dizem o que querem dizer, fazendo com que se considere o outro (SILVA, 2007).

As relações comunicativas possibilita o resgate das relações sociais, elas são dialógicas e composta por diferentes formas de manifestações, que fazem com que haja uma superação de oposições entre gerações e pessoas. Esta se manifesta geralmente em gestos e atividades expressando uma comunicação corporal, ou seja, pelo movimento, para qual é necessário um conhecimento prévio dos significados dos símbolos e signos utilizados na comunicação pelo movimento.

A comunicação nada mais é do que um conjunto de signos e símbolos que também compõe a linguagem, que é um dos componentes da comunicação. A função inicial da linguagem é a comunicação, expressão e compreensão, sendo iminentemente social e combinada com o pensamento. Sendo assim, a comunicação é uma função básica da interação social entre os sujeitos e auxilia na organização, exteriorização e comunicação do pensamento.

3.2 LINGUAGEM: ALGUMAS PERSPECTIVAS

A linguagem vem sendo estudada do ponto de vista linguístico, biológico, deixando de lado, muitas vezes, a função simbólica, constituída de signos próprios. Há uma supervalorização da linguagem verbal e escrita, o que nos leva a pensar que as crianças não são detentoras e produtoras de saberes e de linguagens. Trazemos aqui um entendimento desta, como uma capacidade de produzir informação e conhecimento.

Como também apresentamos uma pequena síntese do entendimento da linguagem na perspectiva de Piaget, Vigotsky e Wallon. Sabemos que para Piaget a construção da linguagem parte do individual para o social. Vigotsky discordando desta ideia relata que para ele tal desenvolvimento parte do social para o individual e discordando dos autores anteriores Wallon defende que o processo de construção da linguagem é uma interação direta entre o indivíduo e o meio.

Os três autores apresentam pontos de vistas divergentes, no entanto neste trabalho, nos preocuparemos mais com os pontos convergentes de suas teorias, por nos ser mais interessante. Posteriormente, partindo desses autores, faremos uma síntese do entendimento da linguagem em outros autores, mas principalmente, para Merleau-Ponty.

Sendo uma forma de legitimar e comunicar o pensamento, a linguagem é a chave de funcionamento da sociedade. Também é tida como um meio de produção do conhecimento (RUEDELL, 2014). Vista e estudada de muitas maneiras, uma delas é como um instrumento de informação, socialização, interação social e manipulável.

Mas nossa perspectiva pretende abordar a linguagem de uma forma mais ampla, como Um Ser no mundo, um fenômeno de identificação. Entendida como um conjunto de signos ou símbolos, os quais vão adquirindo significados com o passar do tempo, que pode ser expressa de muitas formas. “A linguagem enquanto um sistema de signos implica significantes gestos ou palavras articulada” (MONTROYA, 2006, p. 123).

A linguagem é um conjunto de sintaxes, considerada como um conjunto de regras. Se sua única função fosse á comunicação, era fácil de explicar o verbalismo.

A linguagem é um fenômeno de comunicação, com emprego de signos e símbolos, permitindo a expressão de um movimento de pensamento (MERLEAU-PONTY, 1991).

Também é, ou pode ser, considerada um acessório na construção do conhecimento, comunicação do pensamento (VYGOTSKY, 2009). Para o mesmo autor a linguagem é um fator primordial da vida humana pelo fato de que define um salto qualitativo no desenvolvimento da espécie humana. A manifestação da linguagem:

[...] causa modificações importantes em aspectos cognitivos, afetivos e sociais da criança, pois ela torna possíveis as interações e proporciona a capacidade de trabalhar com representações para dar significados para a realidade. Neste estágio do desenvolvimento a aceleração do pensamento é atribuída às possibilidades de contatos fornecidos pela linguagem. (BORNIOOTTI, 2007, p. 32)

A linguagem e o pensamento são construídos a partir da função semiótica, e são formas para o Ser se adaptar ao meio, uma forma de socializar e expressar o pensamento se tornando para criança à primeira forma de comunicação e socialização. É uma operação a dois, de falar e ouvir, um sistema corpo visual de compreensão.

Piaget (1993, p.1) explicita, em sua obra, que “a linguagem serve ao indivíduo para comunicar seu pensamento”. Sendo a linguagem da criança puramente social e uma forma de adaptação. A linguagem contém um conjunto de instrumentos cognitivos ligados a serviço do pensamento (BORNIOOTTI, 2007) e ela participa do processo de socialização e sua construção. A socialização em questão pode ser através de gestos, mímica ou palavras, sempre mais ligada à ação.

Já para Vygotsky⁷ a linguagem auxilia no processo de desenvolvimento do ser humano e envolve a interação do indivíduo com o meio, ela e o pensamento andam paralelamente para esse desenvolvimento. Para o autor a linguagem é um dos mais importantes fatores de desenvolvimentos psicológicos das crianças.

Para Wallon⁸ os fatores sociais são responsáveis pela aquisição de condutas

⁷ (1934, 1994, 2009)

⁸ (1989, 2007)

psicológicas. A linguagem e a cultura fornecem elementos simbólicos para a evolução, construção e socialização do pensamento.

O autor acima citado, ainda define a linguagem como um conjunto de signos e símbolos, que são instrumentos psicológicos auxiliando o ser humano em seu desenvolvimento, sendo um sistema simbólico comum a todos os seres humanos, permitindo a comunicação entre os indivíduos. Rego (1995) corrobora dizendo que os sistemas simbólicos funcionam como elementos mediadores, especialmente a linguagem, em que permitem a comunicação e o estabelecimento de significados compartilhados entre os indivíduos.

Vygotsky⁹ trabalha com duas funções da linguagem, a de intercâmbio social e a de pensamento generalizante. O intercâmbio social é para se comunicar com os outros, expressar vontades, desejos, pensamentos. O pensamento generalizante é no sentido de que a linguagem que fornece os significados, conceitos e formas de organização do real, existindo uma mediação entre o objeto e o sujeito, para a construção do conhecimento e do pensamento.

Piaget¹⁰ acredita que o pensamento é intencional e consciente, ou seja, persegue os desejos de quem o pensa, sendo racional, adaptando-se e interagindo com a realidade. Silva (2006, p. 23) expõe que “O pensamento implica a verdade ou a falácia, e exprime-se através da linguagem.”.

Em suas obras, Piaget¹¹ discute diversas vezes a questão da afetividade para gerar uma melhor aprendizagem, unindo os sentimentos na evolução cognitiva do ser humano. Souza (2011) explica que Piaget propõe que o afeto tem papel fundamental no funcionamento da inteligência, pois sem afeto não há interesse, nem motivação.

Piaget¹² percebe a linguagem como educadora do pensamento e do raciocínio. Porém, pensamento e a linguagem, linguagem e raciocínio, raciocínio e pensamento, andam em pares e se desenvolvem em conjunto, no entanto a linguagem aprimora o pensamento e o raciocínio.

⁹ (1934, 1994, 2009)

¹⁰ (1975, 1993, 2003, 2007)

¹¹ (1975, 1993, 2003, 2007)

¹² (1975, 1993, 2003, 2007)

Para Rego (1995) encontro da linguagem com o pensamento e a cultura é que dá origem ao funcionamento psicológico e cognitivo humano. Vygotsky explica, em suas obras, que pensa não haver possibilidades de pensamento fora da linguagem e nem desta fora de interações sociais, em que os atos cognitivos necessitam de um “jogo” de significações, pois não são “naturais”, então também precisam da linguagem. Expõe ainda que há uma condição de continuidade entre a cognição e a linguagem, linguagem e cultura.

A linguagem é de fundamental significado para comunicação, um processo de representação, pois é polissêmica, requerendo e permitindo várias interpretações, unindo fatores humanos, como o cognitivo, social e o afetivo. Vygotsky¹³ acredita que os processos pelos quais o intelecto e o afeto se desenvolvem estão intimamente interligados, se influenciando mutuamente.

O desenvolvimento da pessoa e da linguagem é sempre fortemente marcado pela afetividade nas relações com o mundo, que segundo Wallon¹⁴ é uma parte fundamental na construção do EU. No entanto, se percebe que as fases da afetividade e cognição são complementar uma a outra e os estágios não são bem definidos e acabados.

A cognição e a afetividade vão se construindo reciprocamente em um processo de diferenciação e integração. Quando a afetividade cede espaço há conquistas na parte da cognição, e quando esta cede espaço á afetividade incorpora conhecimentos acumulados até agora, ou seja, agindo na reciprocidade (TEIXEIRA, 2003).

O âmbito afetivo e o cognitivo se unem, ou seja, em cada ideia há uma atitude afetiva transmutada na realidade a que se refere. Sendo assim, para o autor é impossível separar as duas esferas, elas se inter-relacionam e se influenciam no desenvolvimento do indivíduo.

Vygotsky¹⁵ defende que o afetivo e o intelectual se unem, pois o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, que inclui interesses, necessidades, desejos, emoções, afeto, sendo assim o ser é regido pelo princípio do prazer,

¹³ (1934, 1994, 2009)

¹⁴ (1989, 2007)

¹⁵ (1934, 1994, 2009)

satisfação, o que lhe causa algum sentimento.

Entende-se que linguagem é baseada no significado e sentido, sendo que:

O primeiro refere-se a um sistema de relações objetivas que formam uma espécie de núcleo estável, o qual pode ser compartilhado com outros indivíduos do mesmo grupo cultural. O significado está, assim, para Vygotsky, mais relacionado ao desenvolvimento dos processos cognitivos superiores. O sentido, por sua vez, se refere ao significado para cada indivíduo, que está, portanto, diretamente relacionado às suas vivências particulares, sendo assim o pólo mais afetivo [...] (SOUZA, 2011, p. 1)

O peculiar humano está no entrelaçamento da linguagem com a emoção (MATURANA, 1999). A linguagem e o emocional se entrelaçam e formam o mundo em que vivemos transformando a concretude corporal que vivemos. Assim, o viver humano é o entrelaçamento da linguagem e das emoções, bem como de ações e emoções, Maturana (1999, p. 92) chama este entrelaçar de conversar, “que se entrecruzam em sua realização na nossa individualidade corporal”.

Teixeira (2003, np) corrobora dizendo que “a vida intelectual supõe a vida social e a vida emocional, como primeiro terreno das relações interindividuais de consciência, é condição, portanto, do surgimento da linguagem.” Assim se passa a utilizar a função simbólica da linguagem, que é utilizada na forma de gestos, movimentos, expressões, emoções. A emoção, por ser manifestada através de movimentos expressivos, molda o corpo e provoca, no outro, respostas complementares e correspondentes e a possibilidade de ser interpretada (SILVA, 2007).

A atividade corporal, para Wallon¹⁶, dá uma sustentação à atividade reflexiva mental, e vê os movimentos com importante papel no desenvolvimento da percepção, utilizando os gestos para expressar e completar seus pensamentos, o autor também acredita que no faz de conta é mais possível compreender a origem da representação corporal. Esta função é tida como a linguagem simbólica.

O movimento é a expressão da emoção, além de permitir a apropriação do objeto como representação simbólica e abstrata (WALLON apud GALVÃO, 1995). Nesse entendimento de linguagem ela é carregada de expressividade, sendo única

¹⁶ (1989, 2007)

de cada sujeito que a produz e uma forma de resgate de um sujeito pleno e plural.

Merleau-ponty (1984) relata que a aquisição da linguagem é um fenômeno de identificação e de assumir uma série de condutas e gestos linguísticos. Maturana (1999, p.27) reconhece que a linguagem não se dá no corpo, mas pelo corpo, ocorrendo “no espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas”. A linguagem é um prolongamento de toda atividade física e corporal, incluindo, portanto, os gestos, mímicas.

3.3 LINGUAGEM DA CRIANÇA

Falar em linguagem da criança significa falar em diferentes características como simbolismo, ludicidade, imaginação, representação. Para a criança a linguagem se reveste com caráter comunicativo, que ao mesmo tempo, que comunica algo, permite dizer alguma coisa. A linguagem da criança representa uma grande riqueza de possibilidades, quando ela tem acesso a variadas experiências humanas, para se manifestar e formar o conjunto de manifestações para se comunicar (VITÓRIA¹⁷, 2003).

As crianças possuem múltiplas maneiras de se comunicarem, pode ser por um olhar, um abraço, um movimento, uma palavra, um gesto, uma brincadeira, uma atividade, ou seja, possuem múltiplas linguagens. A linguagem da criança, por esta ser composta por símbolos e signos, para Merleau-Ponty¹⁸ ainda é expressividade e comunicação, que ocorre também e primordialmente com o corpo. Kunz (2014, p. 40) esclarece que:

É comum ouvirmos que a criança, antes de aprender a falar verbalmente, fala pelo corpo porque gesticula e se movimenta muito. Isso é um fato. A criança, enquanto não domina os símbolos da linguagem verbal, fala e se entende com o mundo e com os outros por intermédio do movimento que realiza.

Este autor acredita que o corpo cria significações e se comunica, dando sentido ao movimento corporal, uma intencionalidade, é ele que vai refletir o mundo

¹⁸ (1991, 2006)

vivido da pessoa. Nesse sentido Merleau-Ponty (1984) atribui o desenvolvimento da linguagem a acontecimentos exteriores ao corpo da criança, não sendo a percepção infantil um simples reflexo, mas uma forma que a criança organiza as experiências exteriores.

A criança sempre tem por objetivo utilizar a sua linguagem para estabelecer relações e se comunicar com o mundo físico e social. Esta linguagem, salienta Vygotsky em suas obras, é feita pelos signos que pode ser mímicas, gestos, expressões. Para o autor estes gestos são como uma escrita no ar e são visuais, algo fixo, sendo um futuro para a linguagem escrita.

É a necessidade de comunicação que faz com que se desenvolva a linguagem, que seja ela formada por um grupo de símbolos gestuais, fonéticos, escritos, ou outro. A linguagem, assim, é entendida como uma expressão inicial do desejo. E a criança expressa seus desejos através da brincadeira, também cria sua compreensão do mundo, se comunica com este, assim ela expressa e exterioriza seu pensamento¹⁹.

A criança não distingue o pensamento do corpo, então a linguagem está diretamente ligada ao corpo da criança. Piaget em suas teorias propõe que é através dos esquemas sensório-motores que o pensamento e a linguagem da criança são elaborados (SILVA, 2006).

Piaget (1993, p.30) expõe que “a linguagem empregada na atividade infantil fundamental – a brincadeira – é tanto uma linguagem de gestos, movimentos e mímicas como de palavras”, e ainda que ela ligada a ação, principalmente as brincadeiras, será mais socializada.

Vygotsky (1991) corrobora explicando que é com o brincar que a criança aprende a agir em uma esfera cognitiva, agindo pelas motivações e tendências internas e não pelos incentivos visuais ou fornecidos pelos objetos.

Estas vivências causam um elo afetivo com a situação, local, pessoa, momento. A afetividade está presente na vida da criança com o que De Paula e Faria (2010) chamam de atividades lúdicas, que estão presentes o brincar, jogar, quando a criança se diverte, tem prazer e alegria no que faz.

¹⁹ (Wallon, 1989, 2007)

A fase das brincadeiras é a do mundo vivido, da troca de experiências, de expressar²⁰ o que se está sentindo. Vygotsky (2009) explica que para Piaget a brincadeira é uma lei suprema, em que a fabulação é uma forma significativa do pensamento, e se expressa através da linguagem egocêntrica da criança.

Piaget (1993) acredita que o jogo, que também pode ser entendido como brincadeira, é o que faz o pensamento egocêntrico, junto com imaginações de desejo, sendo entendida como a forma mais espontânea do pensamento. Ele entende as brincadeiras como tendo interferência entre os interesses afetivos e cognitivos, sendo fonte de trocas sociais, individuais e interindividuais.

Estas trocas que a criança irá ter com o ambiente gerará conhecimento e o assimilará. O autor, acima citado, tenta romper com a dicotomia inteligência/afetividade, no momento em que apresenta o desenvolvimento da linguagem e do conhecimento baseada nestas duas, sendo eles complementares e essenciais, no entanto ele mesmo pontua que a afetividade serve muito mais como motor do que como explicação.

Ainda afirma que o pensamento da criança é muito mais simbólico, sendo apenas a verbalização pobre para expressar o significado das coisas, necessitando para expressar as experiências e do mundo vivido um número maior de signos que compõe a linguagem.

A visão interacionista do teórico exprime que o sujeito só desenvolve a capacidade e aprende a conhecer por meio da interação com o ambiente, ou seja, no âmbito social. Esta interação se dá pela linguagem, quase sempre corporal, muito impregnada da imaginação da criança.

Com o desenvolvimento das funções simbólicas, que toma o corpo pela linguagem, nasce o pensamento representativo, o qual é posterior a inteligência sensório-motora e anterior ao pensamento simbólico. O pensamento reflexivo tem a função da representatividade, o que é garantido pela função simbólica.

²⁰ Piaget, em suas obras, entende que quando a criança se expressa pela linguagem ela expressa sentimentos, no caso do individual para o social, ou seja, parte do interno para o externo. Ainda explica que as ações possuem um papel importante na aquisição e desenvolvimento da linguagem, por elas expressarem emoções e afetividade, da primeira interação entre os indivíduos, ou com o ambiente e com o mundo.

Piaget (2003) é defensor de que a linguagem ajuda a desenvolver o pensamento lógico nas crianças. Nesse sentido, entende-se que a linguagem e o pensamento se apoiam um sobre o outro, em uma “Formação Solidária”. No entanto, ambos dependem da inteligência, que é anterior à linguagem e independe dela.

Quanto à linguagem e sua influência no pensamento, eles possuem uma relação de reciprocidade nos seus desenvolvimentos. Galvão (2007, p. 77) expõe que “[...] a linguagem exprime o pensamento, ao mesmo tempo em que, age estruturadora do mesmo.” A linguagem tem grande importância e impacto ao desenvolvimento do pensamento. Wallon discute em suas obras que a linguagem além de ser capaz de conduzir o pensamento, ela o nutre e o alimenta.

Vygotsky²¹ explicita que o pensamento, que anteriormente era regido por objetos, agora passa a ser regido por ideias, e assim que a criança se torna capaz de imaginar. Assim consegue deter-se no significado da brincadeira e não mais nos objetos reais, pois estes podem ganhar outros significados.

O mesmo autor citado acima, ainda estuda o brincar como uma importante ferramenta para o desenvolvimento da criança, principalmente à brincadeira de “faz de conta”, que se refere à imaginação da criança, em que a “imaginação é uma expressão da linguagem” (SOUZA, 1994, p. 148). Ainda acredita que é através do brinquedo que a criança atua e se desenvolve em uma esfera cognitiva, isso dependendo de motivações internas dela.

A brincadeira surge como uma experiência corporal, pois com ela a criança se comunica, internaliza comportamentos, atua com significados e signos simbólicos, representativo ou imaginário, experimentando e se comunicando com o corpo. “A linguagem é o objeto de trocas expressivas, comunicação e representação.” (SILVA, 2007, p. 17).

Transformando-se em uma linguagem simbólica, a brincadeira quando interpretada nos leva a realidade inconsciente da criança. Essa também faz com que a corporeidade da criança seja entendida fielmente como uma linguagem do corpo, estabelecendo um discurso direto, sendo uma forma de expressividade direta (SANTIN, 2001).

²¹ (1934, 1994, 2009)

A linguagem corporal é marcada pela intencionalidade do corpo que é elemento central da comunicação. Schwengber (2014) explicando esta questão comenta que não há linguagem sem corpo e este é uma “casa” cheia de linguagens, sendo marcada pela expressividade.

Esta pode ser entendida como movimento e exteriorização de intencionalidades. “Expressividade é movimento” afirma Silva (2007, p.66). Pela expressividade os movimentos:

[...] se constituem em linguagem. Uma linguagem que identifica o movimento com seu significado. Por exemplo: o movimento do gesto e seu significado são inseparáveis. Da mesma maneira como é impossível separar a melodia da sonata, dos sons que a produzem. O movimento é uma maneira do homem estar presente, uma presença para si e para os outros. (SANTIN, 1987, p.36)

O valor expressivo da linguagem não está apenas no puro ato mecânico do movimento, mas sim como operação expressiva, capaz de criar um saber intersubjetivo. Desta forma, é importante destacar o movimento como criador de relações e de significações, pela originalidade dos seus próprios arranjos, pelo ritmo que imprime, abrindo um campo de possibilidades, num eterno recomeço.

O gesto fonético realiza:

[...] para o sujeito falante e para aqueles que o escutam, uma certa estrutura de experiência, uma certa modulação de experiência, exatamente como um comportamento do meu corpo investe os objetos que me circundam, para mim e para o outro, de uma certa significação. O sentido do gesto não está contido no gesto enquanto fenômeno físico ou fisiológico. O sentido da palavra não está contido enquanto som. Mas é a definição do corpo humano apropriar-se, em uma série indefinida de atos contínuos, de núcleos significativos que ultrapassem seus poderes naturais. (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 262)

Se há movimento, há corpo, haverá experiência vivida e principalmente linguagem. O movimento expressivo é o que possibilita a criação de múltiplos símbolos e sentidos, é a partir dele que conhecemos o mundo e Maturana (2004) afirma que a maneira que as crianças fazem isso é no brincar e é assim que elas vivem na linguagem. A infância é tempo e lugar em que a linguagem permanente do Brincar e Se-Movimentar são mediadas pelas “cem linguagens” da dimensão lúdica

corporal (EDWARDS et al.,1999).

Neste capítulo conseguimos perceber que a linguagem pode ser formada e influenciada por inúmeros fatores, é um fenômeno que transcende a percepção. Ela pode ser prossegua a abertura do mundo e prolonga as relações da percepção do sentido. A linguagem também é a expressão primordial de emoções e gestos emotivos que são as traduções do nosso mundo vivido. Essa é fundada nas experiências perceptivas, que expressam de sentido e significações. O mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que vivo com meu corpo.

4. MUNDO VIVIDO, PERCEPÇÃO, EXPERIÊNCIA, CORPO E LINGUAGEM - INTERPRETAÇÃO DE ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES.

4.1 LEBENSWELT – O MUNDO DA VIDA, O MUNDO VIVIDO

Lebenswelt²², palavra alemã, traduzida para o português como o mundo de experiências, o mundo da vida (experiência originária que precede) ou o mundo vivido. Estes devem ser entendidos como as experiências cotidianas, um mundo concreto histórico-cultural dessas vivências cotidianas, para retornar à sua origem fundante, a partir de uma reflexão das vivências e experiências.

Merleau-Ponty (1996) afirma que no dia a dia predominam atos inconscientes aos conscientes, por isso se retorna ao passado para reencontrar a experiência pré-reflexiva. Para ilustrar o exemplo podemos citar o mundo infantil da criança, antes de perceber o mundo a sua volta, ou seja, antes de ser refletido pelo pensamento, anterior à reflexão, ou seja, mundo pré-reflexivo que fornece argumentos para o processo de conscientização.

Entendido como subjetivo, o mundo da vida é formado por “coisas” que percebemos, sentimos e que são transformadas a todo o momento, através do sentido ou significado que damos, partindo das experiências, das emoções, de um sentimento, da imaginação de cada um. Ele possui formas próprias e íntimas de percepção e expressão, possibilidades, relatadas pelo autor, para sermos sensíveis.

Esta sensibilidade é manifestada através dos sentimentos expressos e da percepção do seu entorno que se concretiza no ato de Brincar e se divertir. Pois nesses atos são expressos os sentimentos mais sinceros, significantes e reais que podemos sentir, como a alegria, felicidade, prazer dentre outros.

O mundo vivido tem a intenção de buscar o sentido da vida através das experiências vividas no cotidiano que é percebido por estas. Para isso se

²² “O mundo da vida ou mundo vivido que é a tradução da palavra alemã (Lebenswelt), é um termo utilizado por Husserl para designar o mundo das experiências humana que é considerado antes de qualquer tematização conceitual. O autor comenta ainda que este ‘mundo-da-vida’ deve ser entendido como mundo da experiência originária que precede, ou, para ser mais preciso que é fundamento de todo pensamento científico e filosófico”. (SURDI, 2013, p. 99)

necessitam uma comunicação entre os sujeitos e uma busca de uma racionalidade social eficiente entre eles para decisões tomadas coletivamente. Com isso, podemos entender o mundo da vida como um conjunto de relações entre a prática e o cotidiano proporcionados pela comunicação para um entendimento comum.

No entanto, cada um tem seu mundo vivido (Lebenswelt) e o que dizer dele a partir de suas experiências que são, para Merleau-Ponty (1996, p. 253), corporais. O corpo, que o autor fala, é o que proporciona ao ser a oportunidade de vivências culturais e sociais, de criar e desvendar o mundo, algo que nos coloca em contato com ele e com os outros. “É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo ‘coisas’”.

O autor citado acredita que as sensações são compreendidas através do movimento e a percepção é principalmente relacionada à atitude corpórea, e eles acompanham a atitude corporal para com o mundo. Com isso a percepção se dá a partir do corpo em que estamos imbricados no mundo.

Através do dele e dos movimentos corporais é que nos comunicamos com o mundo e nos revela um conhecimento do Eu e dos outros, bem como, do corpo próprio, entendido por Merleau-Ponty (1996) como a experiência em que há comunicação com o mundo percebido.

O movimento se torna uma forma de percepção do tempo, espaço, ação e de linguagem exterior projetando as significações do mundo percebido. O mundo nos é revelado pelos sentidos e pelas experiências da vida, em que tudo que sei do mundo é originário de uma experiência do mundo, ou seja, através do meu mundo vivido. Como discute Merleau-Ponty:

O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo ele é inesgotável. “Há um mundo”, ou, antes, “há o mundo”; (1996, p. 14).

O mundo no qual vivemos é entendido, na visão de Sokolowski (2010, p. 158), como um constructo feito por nossas mentes e baseado em nossos sentidos. “O mundo em que vivemos é, finalmente, irreal como o experienciamos, mas o mundo alcançado pela ciência matemática, o mundo que causa esse mundo meramente aparente, é real.” O autor citado descreve dois mundos o que vivemos e o descrito pelas ciências, no qual o mundo-da-vida seria o subjetivo e o das ciências o objetivo.

4.2 PERCEPÇÃO

A percepção é dada através de presenças e ausências, dos objetivos que nos representa através dessas (SOKOLOWSKI, 2010). Nessas presenças e ausências há uma parte dada e outra não, um exemplo disso é a visualização de um objeto, em que conseguimos visualizar uma de suas faces, ou mais, no entanto há sempre uma escondida, que não conseguimos visualizar, ela está escondida ou no seu interior.

Subjetivamente, nossa percepção, nossa visualização, é uma mistura composta de intenções cheias e vazias. Nossa atividade de perceber, então, também é uma mistura; partes intencionam o que está presente, e outras partes intencionam o que está ausente. (SOKOLOSKI, 2010, p. 26)

A percepção da face, ou do que não vemos nos é dada pela recordação. Esta é como a percepção, não é uma simples formação de imagem de algo, ela é dinâmica e envolve a experiência. Merleau-Ponty (1996) se refere à percepção como uma experiência individual, um reconhecimento no próprio coração.

Ela se insere em um corpo e em um mundo sem uma noção de juízo primeiro e também é uma maneira de relacionamento com o mundo. Merleau-Ponty (1996, p. 103) relata que “Nossa percepção chega a objetos, e o objeto, uma vez constituído, aparece como a razão de todas as experiências que dele tivemos ou que dele poderíamos ter”.

Na percepção podemos evidenciar a concepção de relação do SER, com uma consciência perceptiva, que pode ser considerada espírito autônomo e existência contingente. Em que se

[...] pretende matizar a ambigüidade fundamental da percepção – ao mesmo tempo projeção do sujeito, do interior, do que se constrói como subjetivo (imanência) e abertura para o mundo exterior, para o diverso, para o que se objetiviza (transcendência). (CARDIM, 2007, p.10)

Há um paradoxo na percepção, em que a imanência não pode ser estranho á aquele que percebe e a transcendência comporta aquilo além do que está dado. O autor, acima citado, relata que tudo que se passa no mundo se passa em meio perceptivo. Se constituir em uma experiência perceptiva, é uma constatação da própria existência, precedendo a reflexão, e esta se ancorando no mundo

perceptivo.

A concepção de percepção é algo complexo e se relaciona com inúmeros fatores, Martín (2014), se baseando em Merleau-Ponty, enumera alguns fatores como corpo, movimento corporal, relações com o mundo e com os demais homens, conhecimento e linguagem.

Para Merleau-Ponty (apud MARTÍN 2014) o corpo está implicado na percepção, já que esta é uma comunicação vivente de nossas ações, tendo ele posição central nelas. Já o movimento corporal envolve uma orientação perceptiva, na capacitação do sentido da situação, em que a ação possui esse sentido sensível.

Através dos movimentos o corpo se transforma em um instrumento de exploração do mundo, sendo um meio perceptivo e expressivo para com os outros seres. A percepção é assim, constituída do sentido das coisas, construindo uma espécie de conhecimento, a partir do viver das coisas percebidas pelo corpo.

Na percepção há uma diferença entre a linguagem falada e a vivida, a falada é a linguística e a vivida é a da linguagem corporal perceptiva experienciada pelo corpo e pelos seus movimentos (MARTÍN, 2014). A linguagem sensível configura...

[...] possibilidades de outro arranjo para o conhecimento, expresso na dimensão estética. O logos estético exprime o universo da corporeidade, da sensibilidade, dos afetos, do ser humano em movimento no mundo, imerso na cultura e na história, criando e recriando, comunicando-se e expressando-se...

Sendo a primeira palavra gesto, afirma-se um novo sentido para o logos, realiza-se, desse modo, a leitura da dimensão poética e plástica do corpo em movimento e da percepção. Trata-se de uma nova possibilidade de leitura do real e da linguagem sensível, procedendo-se pela reversibilidade dos sentidos. (NÓBREGA, 2008, p. 143)

Merleau-Ponty (1996) também apresenta a percepção como sensação, em que a consciência apreende algo utilizando as sensações para isso. Elas são também compreendidas em movimento e estão relacionadas a atitudes corpóreas, em que a percepção se faz pelo corpo que cria sentidos e significados. Para o autor anteriormente citado, a percepção se identifica com os movimentos do corpo redimensionando a compreensão de sujeito no processo de conhecimento.

O movimento perceptivo se trata da relação do sujeito-mundo, no entanto, na concepção dialógica do Movimento Humano não há possibilidade de uma fragmentação entre eles, nem entre tempo-espaco em que se deve encontrar uma “unidade primordial” (MERLEAU-PONTY, 1996) de um “ser-estar-no-mundo”.

A teoria do Se-Movimentar humano também não entende que movimento e percepção sejam categorias de ação independentes, mas sim, coincidentes, e de efeitos mútuos. Merleau-Ponty (1996, p. 159) explica que:

[...] o fundo do movimento não é uma representação associada ou ligada exteriormente ao próprio movimento, ele o anima e o mantém a cada momento; a iniciação cinética é para o sujeito uma maneira original de referir-se a um objeto, assim como a percepção.

Neste sentido, o movimento e percepção estabelecem uma íntima relação, em que as significações são feitas a partir dos contextos e dos aspectos subjetivos que experimentamos no próprio movimento. Já que todo movimento é intencional, através da intencionalidade, constituímos os objetos, nos determinando, nos reconhecendo enquanto sujeito.

4.3 EXPERIÊNCIA

Há múltiplos significados e sentidos para definição de experiência, ficando difícil explicar. Uma das correntes para definição que utilizaremos é a filosófica, do dicionário filosófico, que apresenta dois sentidos para ela, que segundo Abbagnano (2007) um deles é relacionado às experiências pessoais, em que há participação pessoal em situações repetidas, nas quais as pessoas adquirem a capacidade de resolver problemas. Essa tem um caráter subjetivo e pessoal. O segundo significado seria como uma verificação dessa situação problema, em que “testamos” soluções para eles. Nessa há uma característica objetiva e impessoal.

Para ter uma experiência é necessário “repetir” situações, e/ou realização contínua de algo. Há das interpretações possíveis, a de experiência uma como intuição e uma como método. Ela como intuição pode ser entendida como um se relacionar de imediato, conhecido como presente em pessoa e individualidade para se relacionar com o objeto individual.

A experiência como método é para por a prova um conhecimento, modo de averiguação ou verificação. Abbagnano (2007) se baseando em Bacon (1999) relata que a experiência, que vem espontaneamente, é chamada de acaso e quando é buscada é chamada de experimento.

Quando ela assume caráter de experimento ela também ganha caráter de objetividade, pois ela pode ser repetida por qualquer um e sempre terá que dar o “mesmo resultado”, garantindo um caráter de exatidão do conhecimento, nos explicam Almeida et al (2014), este sendo quantificável e repetível. Nosso esforço é...

[...] de estabelecer um entendimento de experiência em seu caráter dinâmico, de abertura, de fluidez, que foge ao controle e à previsão da ciência, que só se atualiza nas observações (vivências) individuais e não pode ser conhecida em uma universalidade prévia (Gadamer, 2008). (ALMEIDA ET AL, 2014, p. 300)

A experiência ao acaso é entendida por Larrosa (2002) como autêntica, definida como algo singular, produtora de pluralidade, diferença, heterogeneidade, sendo algo que o autor considera irrepitível, com dimensão de incerteza, isso seria a experiência autêntica, experiência de algo novo, desconhecido e o sujeito que o faz deve ser considerado. Elas deixam “marcas” nos sujeitos, deixando vestígios. O autor ainda destaca que a experiência é considerada aquilo que “nos passa”, “nos acontece”, “nos toca”.

Ela possui um caráter de imprevisibilidade, nos expondo á incertezas, uma construção de conhecimentos e saberes, quando se dá sentido ao que nos vai acontecendo ao longo da vida. Este conhecimento é particular de quem experimenta e pessoal, configura uma personalidade, uma forma de estar no mundo (LARROSA, 2002). Já Almeida et al (2014) pensam a experiência como uma realidade vivida no meio histórico e cultural.

O saber é construído a partir de uma sucessão de experiências, sempre únicas e autênticas, pois não podem ser feitas duas vezes, já que cada uma vez que “fazemos”, vivemos a experiência ela será única e singular. A experiência é algo que se prova e não se comprova e somente um novo fato gera uma nova experiência.

Larrosa (2002) explica que a experiência é a relação entre o conhecimento e a vida humana, sendo ela algo que nos acontece, e o saber dela não pode ser separado do ser que o vive e o encarna. O saber adquirido via experiência, é algo inerente àquele indivíduo, configurando sua maneira de estar no mundo, seja como ser social.

Ela pode se tornar algo dialógico quando o ser que experimenta algo nega os dogmatismos e está aberto a novas experiências. O saber adquirido com elas não é

absoluto e sim mutável, nem é concludente. Ela deve ter um vínculo com o nosso mundo vivido e acontece de forma autêntica pela imaginação. Os saberes pela experiência podem ser produzidos pela cultura corporal de movimento, que são considerados como linguagem que é a mediação para a experiência na concepção de Gadamer (2008).

Autores como Almeida et al (2014) acreditam que através da linguagem o homem se constitui e constitui o mundo em que vive, como entendem o Ser-movimentar como linguagem e uma maneira de experiência enriquecedora do Ser. Com isso ela não pode ser conduzida e sim apenas induzida, sendo o corpo sujeito e estando vinculado às práticas corporais.

Larrosa (2002) também argumenta o papel da experiência como parte constituidora do sujeito, na parte no que se refere ao fazer, viver, em que o sujeito é protagonista da experiência. A atividade de experienciar está diretamente ligada com a vida. Para o autor citado o grande responsável por construir condições possibilitadoras de experiência é o próprio sujeito.

Complementa ainda o autor relatando que há alguns princípios na experiência, um deles é o da exterioridade, alienação ou alteridade, que significa que podemos considerá-la como algo diferente de mim, algo que me passa. Um acontecimento que não depende de mim, nem pode ser capturado por minhas palavras, ideias, sentimentos, saber ou vontade. “Exterioridade, alteridade e alienação têm a ver com o acontecimento, com o que é da experiência, com o isso do ‘isso que me passa’”. (LARROSA, 2011, p. 8)

O segundo princípio é o da reflexividade, subjetividade ou transformação em que o lugar da experiência é o sujeito e há uma reflexão sobre ela e uma exteriorização dela que é subjetiva. Cada um é dono de sua experiência considerada única e singular, em que o sujeito também é “dono” da sua construção do saber pela experiência. “Reflexividade, subjetividade e transformação têm a ver com o sujeito da experiência, com o que da experiência, com o me de ‘isso que me passa’”. (LARROSA, 2011, p. 8)

O terceiro princípio Larrosa (2011, p. 8) chama de passagem ou paixão, entendida exatamente como algo que nos passa, um território de passagem, que deixa uma marca. “Passagem e paixão têm a ver com o movimento mesmo da experiência, com o passar do ‘isso me passa’”.

Em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1996) nos traz que o Mundo Vivido é o conceito natural de mundo, o mundo da vida, o mundo que vivemos. Relata que tudo que sabemos do mundo é por uma visão nossa, que faz com que tenhamos uma compreensão de nós mesmos, a partir de nossas experiências.

O mundo da vida – *Lebenswelt* - é o mundo no qual vivemos, do dia-a-dia, do cotidiano, ele é irreal, como o experienciamos. Geralmente é pensado como mero fenômeno subjetivo. Sokolowski (2010, p. 159) explica que...

[...] se podemos viver no mundo-da-vida, e esse mundo básico tem suas formas próprias de verdade e pela verificação que não são deslocadas, mas apenas complementadas pela verdade e pela verificação introduzidas pela ciência moderna.

As ciências modernas são derivadas do mundo vivido e das coisas nele.

Essas experiências são medidas pelas significações que traduzidas em linguagem podem dizer algo significativo para nós. Merleau-Ponty (1996) relata que é a experiência que leva à expressão e pode levar ao sentido. Sendo assim, o autor pontua que o mundo é aquilo que percebemos pela experiência, com isso, não é o que penso e sim o que vivo, como me comunico com ele e as interpretações que faço disso.

As experiências trazem uma sensação que é transformada em linguagem, sendo essa a primeira forma de linguagem, pois é a primeira maneira com que sou afetado por algo e traz significado para mim, se traz significado pode ser traduzido em um sentido. Este sentido faz com que retornemos às próprias experiências e as ressignifiquemos dando um novo sentido e significado (MERLEAU-PONTY, 1996).

Um objeto do mundo, com o qual vivo e tenho experiências é o corpo, por ele adquiero consciência, me descubro e percebo este mundo. Com esse movimento de se descobrir, se expressar e se ressignificar, em que ele se traduz como um mecanismo de linguagem e possuidor de múltiplas formas de usá-las. A língua falada...

[...] gestos intencionais e a linguagem corporal imponderável são todos mais do que apenas movimentos corporais; sinalizam atos intencionais, e também expressam um conteúdo de pensamento. Expressam para nós como o mundo e as coisas nele parecem ser para alguém que está naquele corpo. (SOKOLOWSKI, 2010, p. 165)

Este deixando de ser entendido como corpo-matéria ou biológico funcional,

não sendo analisado de forma fragmentada, e sim como um corpo sujeito, sem a separação de corpo e mente ou corpo e alma. Passa a ser entendido como relacional em que há relações de sentido e significado, dependendo da intencionalidade do homem na sua relação com o mundo pelo seu agir.

O corpo e o mundo se comunicam através das experiências, elas são implicações que se movimentam em direção ao mundo. Ele nos sintoniza com este mundo ao expressar as significações das nossas experiências originais, a experiência própria do ser, sendo criativa, um diálogo, uma linguagem. Isso transforma a linguagem em um autoconhecimento do ser, das suas relações consigo mesmo e com o outro.

O movimento vivido dá a percepção e se explicita através da linguagem e da percepção exterior, sendo a maneira como nos reencontramos, é um Eu natural. Merleau-Ponty (1996) expõe que não há nenhuma diferença entre pensar e perceber. Isto é, dar um sentido as experiências, é conhecimento após a reflexão.

4.4 ALGUNS ENTENDIMENTOS SOBRE CORPO

Merleau-Ponty (1996) considera o corpo a partir das experiências vividas ou como modo de ser no mundo a partir de uma análise chamada existencialista. Em que o que se entende por corpo “não é o corpo físico, mas o corpo “fenomênico”, ou seja, na sua experiência interior, um sistema de meios que possibilita entrar em contato com o mundo exterior”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 179).

Para este autor “é necessário reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções, que é um entrançado de visão e movimento”. (MERLEAU-PONTY, 1996, P. 97). Ele é um mecanismo vivo, em que eu não tenho um corpo, eu sou um corpo, ele me estimula a consciência que tenho deste, me invade e tenho total percepção dele, no qual razão e emoção se fundem em um emaranhado de sentidos e significados.

O Ser Corpo é o “Ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 122), é ter consciência sobre e do mundo pelo meu corpo e também é conhecê-lo, sendo assim eles se entrelaçam em um emaranhado de experiências e significações em um conhecer e ressignificar mútuo. O autor complementa relatando que este movimento

de conhecer e ressignificar faz com se substitua as percepções e as emoções existentes por novas, fazendo com que nossa experiência mude o conteúdo e haja uma renovação dessa.

Com isso vou sempre me percebendo como um corpo próprio, em que este não é simplesmente tocado ele toca também, ele não apenas é sentido ele sente também, bem como ele não é só visto, ele vê também. Há o que Merleau-Ponty (1996) chama de um entrelaçamento entre corpo e alma, não há mais uma divisão de eu ter um corpo, mas sim eu sou meu próprio corpo e as experiências e sentidos que tenho dele.

Este autor também explica que percepção e consciência podem ser entendidas como motricidade, em que a consciência do Ser é tida pelo movimento e também conhecida como conhecimento perceptivo e “é por princípio que toda percepção é movimento”. (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 212). Sobre isso se esclarece que essa compreensão:

[...] da consciência, como conhecimento ou percepção da realidade corporal, revela, por um lado, os resquícios da filosofia da consciência, no sentido de retomar a análise reflexiva, considerando a presença de um sujeito consciente ou racional; por outro lado, aponta uma compreensão do conhecimento, superando a ordem do cogito, do eu penso e afirmando a experiência expressiva do corpo na experiência viva. (p. 1) ²³

A corporeidade é considerada uma maneira de exprimir e mostrar que estamos no mundo. Nisso o corpo próprio existe com o sujeito e sendo seu meio de comunicação, pelas vivências de experiências para a real existência humana, pelo corpo fenomenal, que está associado á:

[...] motricidade, á percepção, á sexualidade, á linguagem, ao mito, á experiência vivida, á poesia, ao sensível e ao invisível, apresentando-se como um fenômeno complexo, não se reduzindo á perspectiva de objeto, fragmento do mundo regido pelas leis de movimento da mecânica clássica [...] (p.3) ²⁴

Não sendo mais um simples objeto manipulável, ele se torna um meio de nossa comunicação, uma expressão de nossas experiências. No entanto não

²³ Texto de autor desconhecido retirado da internet, fonte: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1714t.PDF>

²⁴ ²⁴ Texto de autor desconhecido retirado da internet, fonte: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1714t.PDF>

apenas de experiências, também de pensamentos, na maioria das vezes, por meio de uma ação traduzida em movimento ou vice versa.

Pois, ele é movimento, sensibilidade e expressão criadora, se baseando em uma unidade entre corpo-mente e não como partes distintas. Diz-se corpo-sujeito, agente de uma corporeidade, fundada no movimento configurado como uma linguagem sensível.

“O corpo é eminentemente um espaço expressivo” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.202). Ele é um meio de expressão de pensamentos e das experiências tidas pelo corpo próprio, tendo influências das áreas afetivas, cognitivas, sociais do Ser.

Nós somos o nosso corpo e este é o que traduz o nosso mundo, sendo assim nosso mundo se traduz em nossos movimentos corporais, expressos por uma linguagem simbólica. Esta projeta a consciência em um mundo físico, a qual se constitui por um corpo e suas experiências vividas.

O corpo é o meio pelo qual nos expressamos através da linguagem, como entramos em comunicação e diálogo. Ele pode ser entendido como um espaço expressivo construído de gestos emocionais e afetivos, que projeta significações ao exterior, ou seja, expressão.

Sendo expressão, então eu não tenho um corpo eu sou meu corpo, tendo os movimentos uma significação comum, sendo interpretado por si próprio. O corpo é:

[...] o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos. (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 202)

Enfatiza-se que esta expressão de Merleau-Ponty “sou meu corpo” tenta terminar com a dicotomia corpo e mente e sintetiza a união entre sujeito e corpo. Este é considerado uma estrutura viva e experiencial em que se comunicam, sem oposição, o externo e o interno, o biológico e o fenomênico, simultaneamente.

4.5 LINGUAGEM E ALGUMAS SIGNIFICAÇÕES

Merleau-Ponty (1996) relata que tenho um corpo e através dele ajo no mundo, não estou no espaço e no tempo, não penso no espaço e o tempo, mas sim sou no espaço e no tempo, ele se aplica a eles e os abarca. Com isso os gestos são

compreendidos na medida em que, são incorporados e começam a fazer parte do comportamento, para que a linguagem corporal tenha uma intencionalidade.

Essa linguagem consiste em um fenômeno do pensamento, condicionada a ele e se configura como um acompanhamento exterior desse, para dar-lhe um sentido. O pensar é um efeito de uma experiência transformada em signos de linguagem para efeitos de comunicação através do corpo, porque este possui um poder de expressão natural. Pensamento e expressão constituem-se simultaneamente, assim que a comunicação se torna possível.

A linguagem considerada uma projeção ao mundo, o gesto e o seu sentido são expressões de emoções e sentimentos, através do seu corpo. A linguagem das emoções, que expressa nossas reais experiências, se constitui em um encontro do EU, em que o ser humano se serve da linguagem para estabelecer uma relação consigo mesmo e com o mundo. Essa se trata de um instrumento, uma manifestação, uma revelação do íntimo aos outros.

A linguagem é a expressão primordial de emoções e gestos emotivos que são as traduções do nosso mundo vivido. Essa é fundada nas experiências perceptivas. Merleau-Ponty (1996) não restringe a linguagem à percepção ou pensamento, pois para ele ela reflete aspectos da consciência que exige a comunicação do corpo com sua linguagem sensível, esta ligada ao movimento e expressões corporais. Ao se desenvolver este tipo de linguagem o ser está sendo autor de sua comunicação, dando maior significado às suas experiências vividas.

O ser ao Se-Movimentar vivencia diferentes experiências, sendo o pensar corporal. Estas experiências possuem subjetividades, no sentido em que se percebe como sensível, não esgotando suas possibilidades, dando sentido a suas experiências e sua existência. O nosso pertencimento ao mundo está enraizado às nossas experiências perceptivas, esta que nos contata com o mundo e que vem à linguagem em forma de expressão em forma em que libera um sentido do vivido, manifestando o modo de viver e estar no mundo.

Merleau-Ponty (1996) entende a linguagem como um fenômeno originário, vivido e expressivo do e pelo corpo. Com isso podemos entender que para o autor, se trata de como um gesto sensível, uma extensão da nossa intencionalidade corporal, concebendo pensamento e linguagem numa relação de coexistência e não de exterioridade. Também pensando o corpo como um ponto de abertura para o

mundo.

Para Merleau-Ponty (1996) o corpo ensina o significado de expressão, já que ele cria significações, se tornando um mediador de relações com o mundo. Para o autor a verdadeira comunicação ocorre pela expressão, em que esta é uma coexistência com o mundo. As significações ocorrem quando há experiências no mundo mediadas pelo corpo.

Na linguagem é por meio da expressão que ele pode se apresentar no mundo e ela se realiza pelo corpo que é o meio de todas as operações expressivas. Ele é a expressão de uma conduta e criador de um sentido. Este se forma na comunicação entre os sujeitos.

A linguagem se fundamenta em uma experiência perceptiva, se fazendo responsável pela formação do EU que somos, ou seja, somos produtos diretos da significação da linguagem. O EU se constrói pela posse de si mesmo, com a totalidade do ser e sua presença no mundo. Isso acontece a partir da experiência primordial e objetiva (MERLEAU-PONTY, 1996).

A experiência ocorre por intermédio de um tipo de pacto entre corpo e mundo, sendo ele o próprio lugar fundante da expressão e da vivência da experiência. Estas devem estar em consonância com as de outrem para que haja a comunicação e o entendimento.

A linguagem se torna um entrelaçamento entre os seres e o mundo, uma forma de se endereçar aos seres, e para que seja uma experiência mútua deve passar despercebida, pois seus códigos e signos foram entendidos e assimilados culturalmente. Com isso a linguagem:

[...] de outrem vem tocar em nós nossas significações, e nossas falas vão, como atestam as respostas, tocar nele suas significações, nós nos invadimos um sobre o outro na medida em que pertencemos a um mesmo mundo cultural e, primeiramente, à mesma língua, e meus atos de expressão e aqueles de outrem se destacam da mesma instituição (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 194).

A linguagem deve ser entendida e adquirida como uma forma de reencontrar o seu lugar na experiência através da expressão. A linguagem, para Merleau-Ponty, em diferentes obras, está voltada a percepção e ligada ao corpo, no momento em que ela se inscreve neste pela experiência e é transmitida por atos expressivos, o que se torna uma maneira de se relacionar com o mundo. No interior da percepção

que nasce a significação da linguagem.

O autor acima citado explica que o corpo é dotado de flexibilidade, em que ele cria sentidos e significados, sente e é sentido, vê e é visto, toca e é tocado, ocupa o mundo e é uma parte do mundo, sendo também um mundo de significações, sensações, sentidos. Ele é fonte, meio de comunicação, habitação do Lebenswelt, ou seja, do nosso mundo vivido, mundo da vida e da linguagem original.

A linguagem, desta maneira, passa a ser vista como o próprio ato de significar, que não pode ser premeditado ou governado, assim como os gestos, por isso a única maneira de compreendê-los é instalar-se neles para exercê-los. Desta forma o significante ultrapassa a significação, com o nosso corpo que faz as significações ultrapassarem o pensamento e se exteriorizarem.

5. O BRINCAR DA CRIANÇA – SIGNIFICADOS E DEFINIÇÕES

As crianças não brincam de brincar. Brincam de verdade...
Triste de quem não conservam nenhum vestígio da infância....
Vocês já repararam no olhar de uma criança quando interroga?
A vida, a irrequieta inteligência que ela tem?
Pois bem, você lhe dá uma resposta instantânea, definitiva, única –
e verá pelos olhos dela que baixou vários riquinhos na sua consideração.
A criança que brinca e o poeta que faz um poema
- Estão ambos na mesma idade mágica!
(MÁRIO QUINTANA)

O Brincar pode ser entendido como a atividade natural da criança, que lhe proporciona prazer, aprendizado, construção de conhecimento, de cultura, de linguagem. Ele deve ser livre, com o fim em si mesmo. Para ser uma descoberta do mundo pela criança, em que ela cria e recria a realidade através de sua imaginação.

Wallon (1989) entende o brincar, que é feito muitas vezes através do movimento, como uma atividade própria da criança e uma etapa de sua evolução total, sendo composto por períodos sucessivos. Enquanto brinca a criança não está pensando em resultados ou efeitos das atividades que está realizando, ficando imersa no seu mundo.

O mundo criado pelas crianças é um mundo à parte, uma realidade fictícia, de faz de conta. Assim, O Brincar se torna uma forma de mostrar como as crianças enxergam o mundo, sua realidade, seu cotidiano, seus sentimentos e expressam seu pensamento.

Uma forma de ludicidade O Brincar é um criador de significados e forma, que envolvem a afetividade e as emoções, pois é uma forma de satisfação de desejos. Também se torna uma fonte de aprendizado de normas e regras sociais, pois mesmo em se tratando de atividades espontâneas e livres possuem regras e auxiliam a criança a aprender, a se posicionar e se colocar frente à sociedade (FANTIN, 2000).

Por isso entendemos como um tema importante de ser estudado e

esclarecido, penso ser de extrema relevância o esclarecimento de expressões, termos e significados. Em se tratando da tradução e linguagem, tendo ou não termos adequados, trago no subitem as definições de jogo, brinquedo, brincadeira e o Brincar.

5.1 JOGO

Atividade que pressupõe uma produção sociocultural, o jogo em que se interage com o meio e seus elementos. Para a Educação Física o jogo se traduz como algo útil, que indica união e movimento, um conjunto de elementos que se combinam entre si (PAVIA, 2014). Desta maneira o jogo engloba e é englobado pelo movimento, como engloba o Brincar que inclui o lúdico.

No jogo há uma sistematização prévia de regra fixas. Segundo Helal (1990) não há uma espontaneidade absoluta nele, já que sua ordem estruturada não deixa espaço para isso, ele pode ser entendido como uma fonte promotora de liberdade estruturada. No entanto, há exploração da criatividade e do lúdico.

As regras, a convivência em grupo, o aprender a respeitar e socializar, são algumas das atribuições do jogo, bem como, é o local ideal para se discutir valores sociais importantes para o ser humano, como ganhar, perder, ter sucesso, fracasso. Deve-se pensar no processo educativo do jogo e de aprendizagem

O jogo deve ser visto como processo de desenvolvimento integral da criança, propiciar o desenvolvimento global, é permitir que a própria corporeidade manifeste uma intencionalidade operante na respectiva motricidade, sem distinção alguma, porque a vida é constituída de movimento que tem um alcance pessoal, social, cultural e político. Nesse processo deve desenvolver conceitos de sociedade, mundo, cultura, homem e esporte.

Outra função importante do jogo é desenvolver o pensamento e as funções psicológicas e cognitivas, desenvolvendo novas formas de aprendizagem (VARELA, 2004). Todos os processos ocorridos em função do jogo levam à construção de um conhecimento e de uma cultura pela criança. Suas regras podem ser modificadas durante sua prática, conforme a vontade e/ou necessidade de seus jogadores, a vitória não é o elemento central de sua prática, mas sim uma consequência.

Tendo como elemento central o lazer e a vivência lúdica de quem o pratica, os quais são retirados e deixados de lado na prática do esporte, o jogo é uma importante ferramenta de desenvolvimento humano. Ele propicia a aquisição de valores produtivos como racionalidade, concorrência, dominação, produtividade, competição em valores e significados sociais tais como solidariedade, cooperação, emoção, lazer, autonomia, felicidade, ética (SOUZA, 2014).

O jogo pode ser entendido como algo que culmina elementos da realidade e da fantasia, o que vai auxiliar no processo de construção da identidade e cidadania da criança. O que Freire (2002) expõe como “aprender a ser mais gente”. Bem como permite que a criança desenvolva sua linguagem corporal e simbólica, apresenta uma relação entre o aprender e o fazer, uma construção de conhecimento constante.

Além disso, o jogo proporciona o autoconhecimento, aprender o fazer corporal e suas qualidades corporais como agilidade, flexibilidade, coordenação, destreza, equilíbrio, força, velocidade, relaxamento, dentre outras. Como também, proporcionar o aprender as destrezas corporais devemos aprender a usá-las, transcendendo os aspectos fisiológicos para os psicológicos, educativos, comunicativos, expressivos, culturais, de lazer, etc..

Com isso a criança aprende, a partir da problematização e resolução de problemas, se emociona, se relaciona, se comunica, se expressa, exercita a imaginação, a criatividade e principalmente sua linguagem simbólica (SOUZA, 2014). No desenvolver do jogo a criança aprende o Ser no mundo e a conhecer esse mundo, ampliando seu mundo vivido.

5.2 BRINQUEDO E BRINCADEIRA

Brinquedo é o material concreto, a parte física do objeto que a criança brinca, sendo um suporte para a brincadeira. Ele seria definido como um objeto lúdico carregado de significações, vinculadas à memória e a imaginação de quem brinca com ele. O brinquedo possui a função de desencadear a brincadeira (FANTIN, 2000). Ou seja:

[...] o brinquedo é um objeto industrial ou artesanal, reconhecido como tal pelo consumidor em potencial, em função de traços intrínsecos (aspectos, função) e do lugar que lhe é destinado no sistema social da distribuição dos

objetos. Quer seja ou não utilizado numa situação de brincadeira, ele conserva seu caráter de brinquedo pela mesma razão é destinado á criança. (BROUGÉRE, 1997, p. 63)

Dotado de valor cultural e social, o brinquedo é um objeto projetado em três dimensões que a criança manipula livremente. Com essa manipulação livre do objeto, a função e o símbolo são indissociáveis no brinquedo, o que auxilia no desenvolvimento da função simbólica da criança.

A criança utiliza o brinquedo para ressignificar e manipular a realidade. A capacidade lúdica do brinquedo é maximizada e da criança também, com sua imaginação sendo aguçada a partir da criatividade. Santin (1987), baseado em Nietzsche, expõe que o brinquedo é um eterno retorno, pois ele se cria e recria a todo instante e a cada momento com significados diferentes. Sendo assim:

[...] o brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte para a brincadeira, pode ser um objeto manufaturado, um objeto fabricado por aquele que brinca, uma sucata efêmera, que só tenha valor para o tempo da brincadeira, um objeto adequado. Com estas características, tudo pode se tornar um brinquedo e o sentido do objeto lúdico só lhe é dado por aquele que brinca enquanto a brincadeira perdura. (BROUGÉRE, 1997, p. 63)

Há muitas definições para brincadeira, mas a que engloba melhor o significado que necessitamos, e as características que acreditamos é que ela é uma atividade satisfatória, lúdica, que deve incluir liberdade, divertimento e prazer. Ela deve ser espontânea, uma forma mais sistematizada do Brincar da criança, uma atividade que se esgota em si mesma, sem outra intenção fora a que a criança, enquanto brinca, coloca. É definida por Halal (1990, p. 24) como a “mais lúdica das atividades”.

A brincadeira, de forma geral, é vivida no presente de modo emocional, sem nenhum propósito exterior ou preparação para o futuro, uma relação estabelecida entre a criança, o meio e consigo mesma. Sendo uma atividade livre, sem poder ser determinada, a brincadeira só existe na ação, em que geralmente á uma associação entre a ficção e a ação, pela sua função no desenvolvimento da função simbólica da criança.

Também é importante salientar que a brincadeira é considerada uma fonte de aprendizagem constante, na qual a criança utiliza a sua imaginação, criatividade e expressividade. Sendo uma fonte de satisfação de necessidades que surgem no seu caminho e convívio com o mundo, principalmente com sua socialização e seu modo

de se relacionar, ampliando seus conhecimentos e criando novos. Como explica Kishimoto:

[...] as brincadeiras propiciam a socialização na medida em que permitem a apropriação da cultura infantil necessária para que cada um possa se incorporar a um determinado segmento social. A apropriação da cultura é o mecanismo pelo qual a criança seleciona elementos desta cultura, de imagens traduzindo o universo ambiental. (KISHIMOTO, 1993, p. 55)

As brincadeiras são construtoras de significado, auxiliam no desenvolvimento cognitivo e afetivo. Elas são formas de pensamento próprias da criança, de se relacionar e se comunicar, próprias da criança e envolvem múltiplas linguagens e símbolos. Com isso, o que importa é o que a criança está sentindo e expressando através das brincadeiras, esta sendo um suporte de representações.

Nas brincadeiras acontecem vivências subjetivas, em meio à inocência das crianças. O corpo, os sentidos e a imaginação se tornam mais conscientes a partir das brincadeiras, auxiliando no desenvolver do sentido do “eu” forte e decisivo, de forma criativa e lúdica (KUNZ, COSTA, 2015).

5.3 O LÚDICO E A ATIVIDADE LÚDICA

O Dicionário Crítico da Educação Física, no que se refere ao conceito de Lúdico traz que, em síntese, envolve o elemento da diversão, transcendendo as necessidades imediatas da vida cotidiana e provoca a evasão do real. O lúdico pode se manifestar no brinquedo, brincadeira e no jogo, tendo características como prazer, espontaneidade, desinteresse (MARCASSA, 2014).

“O lúdico dá prazer ao movimento e este dá vida ao lúdico” (MARCASSA, 2014, p. 431). Este no brinquedo estimula o imaginário, a criatividade, alegria e a sensibilidade, sendo carregado de emoção, enigmas e significados. Marcassa (2014) apoiado em Debortoli relata que o lúdico deve ser entendido como uma dimensão de construção da linguagem humana, ou seja, uma fonte de expressão e ressignificação.

Santin (1987) esboça que o lúdico é uma dimensão simbólica do ser, um modo de comportamento, um sentido, uma intencionalidade humana e é uma forma de humanizar a humanidade. O autor vai mais além e explica que “o lúdico é uma

atividade livre por excelência” (SANTIN, 2001, p. 22). Continua explicando que estes conceitos se referem ao lúdico relacionado com a brincadeira e o brinquedo, ou jogo, que muitas vezes é utilizado como sinônimo deles.

O lúdico é fundamental para o desenvolvimento da criatividade da criança e é constituído a partir de alguns elementos tais como a capacidade de simbolizar, criatividade, liberdade, gratuidade, alegria. A capacidade de simbolizar só o homem possui e o brinquedo nasce dessa capacidade, já que somos capazes de atribuir outros sentidos e significados as coisas.

Composto e praticado por atividades lúdicas, que são consideradas construções culturais da humanidade, o lúdico é uma expressão da experiência vivida. Para Santin (2001) as atividades lúdicas, são ações vividas e sentidas, não definíveis por palavras, mas compreendidas pela fruição, povoadas pela fantasia, pela imaginação, com materiais simbólicos. Assim elas não são encontradas nos prazeres estereotipados, no que é dado pronto, pois, estes não possuem a marca da singularidade do sujeito que as vivencia.

Na atividade lúdica, o que importa não é apenas o produto da atividade, o que dela resulta, mas a própria ação, o momento vivido. Possibilita a quem a vivencia, momentos de encontro consigo e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, de resignificação e percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, momentos de vida, de expressividade.

A criatividade acontece quando o ser humano consegue ser criador de um mundo novo, utilizando de sua imaginação e fantasia, amparado pelo poder de simbolizar o que deseja. A liberdade e gratuidade são complementares, sendo que o ser deve ser livre para usar sua imaginação e criatividade, para que ambas não se tornem inúteis, devem ser feitas só pelo fato de serem feitas, sem que deva haver uma retribuição, pois elas se bastam.

O Brincar da criança é assim, ele por si só se basta, não sendo nada além do que a vivência do momento, do aqui e agora para a criança. Aí se insere o último elemento do lúdico, em que o ato de Brincar se traduz perfeitamente a alegria, em que o ser quando brinca está feliz e satisfeito com o que faz, e se vive e se experimenta no Brincar.

Santin (2001) chama as crianças de mestres do lúdico, pois são mestres em Brincar, em fantasiar, criar mundos, espaços, personagens, fugir da realidade em

que vivem, em usar a imaginação para tornar o mundo ao seu redor melhor, o que ela deseja. Assim o brincar e simbolizar se torna uma mediação com o mundo em que a criança vive e consigo mesma, uma maneira de se conhecer.

Com isso o autor relata que a atividade lúdica pode nos fornecer uma chave para a compreensão do humano do homem e traz o brincar como o ponto central para a interpretação do movimento do mundo. Já que “A ludicidade se constitui de uma atmosfera de total liberdade e harmonia” (SANTIN, 2001, p.40) para que possamos aprender a intencionalidade de criação, principalmente com o brincar da criança.

Santin (2001) baseado em Friedrich Schiller expõe que o homem só se torna plenamente humano quando brinca, pois o brincar traz a tona a sua natureza sensível-racional. Sua função simbólica faz com que o homem passe a utilizar sua criatividade e imaginação para construir fantasias.

O brincar não é um ato descritível, ele é o brincar, um ato em que o brincador se revela através de suas atitudes, de seus impulsos lúdicos. Deste modo Santin (2001, p. 43) explica que “Brincar, brinquedo ou brincadeira significam uma dinâmica, uma maneira de pensar e agir. O brinquedo é uma simbologia, uma linguagem, um modo de ser”.

Através dos impulsos lúdicos dos brinquedos e brincadeiras, após conseguirmos entender como um sistema de significação, também podemos entender o perfil de quem brinca. Para criança, por exemplo, para ela viver é brincar e brincar é viver, pois ela vive brincando. Ela está totalmente entregue a sua imaginação e criatividade.

A criança vive sem grandes preocupações no futuro, com resultados, por isso vive no reino do lúdico, do brinquedo. Elas ainda não perceberam os limites de sua imaginação, ainda tem a liberdade criativa e inventiva. Com seu poder imaginativo e de criação o brincar se torna uma forma de linguagem simbólica da criança, em que ela expressa sua realidade, sentimentos, o mundo que ela (re) cria e inventa, o seu mundo ideal, mítico.

O brincar e o brinquedo não são uma realidade manipulável, um objeto e não existem atividades específicas para tais, eles se manifestam como formas vividas e vivas. Em suma:

Brincar significa gerar ludicidade para criar o universo do brinquedo.

Portanto, o mundo lúdico não está em algum lugar, não é uma instituição, não é uma atividade e não é real. Entretanto, ele pode acontecer a qualquer momento, a qualquer hora, em qualquer circunstância e em qualquer lugar desde que, simplesmente, alguém decida querer brincar. (SANTIN, 2001, p. 53)

A atividade lúdica se manifesta em forma viva e vivida, uma forma de vivência e de fantasia para quem brinca, sendo ela imaginação, criatividade, meio de simbolizar e desenvolver os sistemas simbólicos. O caráter da ludicidade é alcançado pelo brinquedo e pelo corpo de quem brinca.

O corpo que brinca é lúdico, é a encarnação da ludicidade, em que só serão entendidos no acontecer. O lúdico do corpo corresponde ao que é vivido, um modo de fazer, viver e ser. “O corpo lúdico pensa, sonha, inventa, cria mundos, onde é capaz de assumir todas as responsabilidades de viver com amor e liberdade” (SANTIN, 1994, p. 89).

O mesmo autor explica que o lúdico é uma forma de humanizar o ser humano e a humanidade. E se constitui de uma atividade de total liberdade. Por isso está presente no ato de Brincar da criança, quando este é espontâneo.

5.4 CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO

Definida como a criação de algo novo, surgimento de novidade, a criatividade é importante para a condição humana. Ou também definida como um processo em que algo genuíno passa a existir. O ato de criatividade é a exploração de um novo significado em novos e antigos contextos de valor de forma descontínua.

Costa (2011) expõe que ser criativo é estabelecer relações ainda não concebidas, descobrir algo novo ou inventar algo ainda não conhecido, ou até mesmo um novo significado ou valor a algo já conhecido. Ser criativo não precisa necessariamente criar algo novo, mas ressignificar, dar novo sentido.

De acordo com Goswami (2008) existem dois tipos de criatividade, a de resolução de problemas, a qual combina ideias novas e antigas, que é chamada de situacional. E a fundamental que é entendida como a criação de algo novo e para que isso aconteça, o sujeito deve estar em plena liberdade para criar.

Ou seja, “a criatividade fundamental é de alguma coisa nova em um novo contexto de valor por meio de um processo que abrange a descontinuidade”

(GOSWAMI, 2008, p. 52). E a criatividade situacional “consiste em criar um novo produto ou solucionar um problema de modo a refletir novo significado e valor em um contexto antigo ou em uma combinação de contextos antigos” (GOSWAMI, 2008, p. 53).

A criatividade também é dividida em duas categorias, a exterior, que gera produtos para o cenário externo, e a interior que engloba a transformação da consciência (self), gerando um produto subjetivo. A primeira diz respeito aos atos criativos no ambiente sociocultural ou de conhecimento, enquanto a segunda representa os atos no cenário do self (consciência).

As representações de criatividade tratam de liberdade. A criatividade interior é um caminho de acesso a ações de liberdade, enquanto a exterior é a expressão da nossa interior ao mundo.

Kunz (2009) explica que os seres humanos nasceram para serem livres e criativos, e que a criatividade se manifesta quando o homem tem a possibilidade de livre Se-Movimentar, de forma espontânea, especialmente no brincar e jogar. O mesmo autor continua relatando que esta criatividade vem do diálogo do ser humano com o mundo e consigo mesmo.

A criança dialoga com o mundo através do seu “Brincar e Se-Movimentar”, em que ela se expressa pelo movimento, questiona a realidade, e se isso ocorre livre a criança pode se tornar um ser autônomo e criativo. Pois, Santin (2001) relata que a criatividade é fundamental para o desenvolvimento da criança.

O desenvolvimento da criatividade no ser humano é possível por nossa capacidade simbolizadora, através da imaginação e da fantasia. Costa (2011) nos esclarece que nossa inteligência intuitiva e a capacidade criativa surgem a partir da nossa capacidade de fantasiar e imaginar. O brincar da criança é um dos resultados desta criatividade e do seu imaginar e fantasiar.

A imaginação seria a capacidade que permite representar objetos, imagens, criar a partir de combinação de ideias. Ou também, seria descrita como a capacidade de pensar as coisas como elas poderiam ser, pensar no possível, uma capacidade de transcender o real. Nas crianças é um modo de ver além do entrever, um espaço de liberdade, em que elas vislumbram coisas novas e experienciam diferentes possibilidades.

Experiência da novidade, da abertura, ou a capacidade de produzir imagens

sem a presença de um determinado objeto á que se refere à imagem. Ou ainda, é o movimento da atividade ocorrido pela percepção sensível, sendo um rastro da percepção (SIMON, 2013). Há duas diferenciações na imaginação, em que há a produtiva e a reprodutiva (KANT, 2001).

A primeira, a produtiva, se refere a que precede a experiência, sendo mais próxima da fantasia, em que há devaneio, ou sonho, nesta não se conhece o objeto que se imagina. A segunda, a reprodutiva, tem mais um conceito de representação e memória, na qual já se conhece o objeto que se está imaginando e reproduzindo, mesmo sendo uma reprodução, Kant (2001) destaca que há uma ressignificação do objeto ou do movimento, não sendo uma simples cópia.

A imaginação é entendida como o princípio para a criatividade. A realidade estará cristalizada na imaginação, ou até mesmo transformada por ela, já que a imaginação tira elementos da realidade para que possa existir, ser criada. Nossa imaginação parte de nossa experiência real, que a partir dela é reelaborada, recriada, reescrita e revivida.

Ao investigar a criatividade há formas de relação entre a realidade e imaginação, em que toda obra da imaginação tem elementos da realidade; a experiência se apoia na imaginação para interpretar a realidade; o lado emocional interfere na relação entre imaginação e realidade; e a imaginação, quando cristalizada em objetos altera a realidade.

Vygotsky (1990) explica que a imaginação se vincula a realidade através da acumulação de experiências que temos, pela maturação destas, e a relação emocional que elas nos causam. Por último destaca a cristalização da imaginação através da fantasia, em que ele admite que a imaginação adquire realidade plena e concreta. Ele ainda acredita que a imaginação tem uma função libertadora do ser humano e da sociedade, possibilitando a reconstrução e a construção de novas realidades pessoais e sociais, ao se tornar uma imaginação cristalizada.

Diferentes sensações são experienciadas, somos livres e temos todo o poder com a imaginação de realizar coisas fora da realidade concreta e do presente, além disso, possibilita, para a criança, momentos de expressões de sentimentos. Isso vai se tornando um diálogo com o mundo, em que há algumas situações criadas e outras vividas. A imaginação das crianças está mais vinculada às experiências e vivências imediatas para o processo de criação.

As situações em que a criança se envolve, através do seu imaginário, pode traduzir as situações reais vividas por ela ou que ela tenha visualizado a sua ocorrência. As expressões de sentimentos, preocupações, anseios, alegrias durante essas, são onde elas aprendem a elaborar a melhor maneira de passar por diferentes situações e de lidar com isso, sendo o imaginar e o fantasiar a melhor maneira de experienciar cada situação.

Na brincadeira de faz de conta temos o pilar do desenvolvimento da imaginação que se constitui como a base para o desenvolvimento do sujeito criativo, e o processo de criação humana tem sua gênese na imaginação.

A imaginação se apresenta como uma possibilidade da criança de perceber e sentir o mundo através da sensibilidade, como também de adquirir experiências significativas a partir da descoberta do seu mundo e de um contato corporal, fortalecido com o aparecimento do componente lúdico. Para Surdi (2014) a imaginação e o brincar são fundamentais para o relacionar da criança com o mundo.

O autor complementa explicando que no momento a criança brinca há uma entrega total que proporciona a ela uma incorporação de sentidos novos, momentos em que o potencial criativo é revelado. “A criança vive brincando, brinca por brincar. Vive corporalmente o impulso lúdico, o que faz com que a sua imaginação não tenha limites. Para a criança, a realidade é sentida de forma direta e imediata” (SURDI, 2014, p. 119).

Por intermédio de uma situação imaginária, podemos atingir o que não estamos conseguindo na realidade concreta. “A situação imaginária é, por força disso, a característica básica de estruturação e, portanto, de definição da atividade de brincar.” (SURDI, 2014, p. 122).

“Brincar significa gerar a ludicidade para criar o universo do brinquedo. [...] ela somente se manifesta como forma viva e vivida.” (SANTIN, 1994, p.28). Neste sentido, a ludicidade, como ação vivida e sentida, escapa das palavras e atinge outra dimensão, a da fruição. Torna-se fantasia, imaginação e sonhos.

Brincar acima de tudo é exercer o poder criativo do imaginário humano construindo um universo, do qual o criador ocupa o lugar central, através de simbologias originais e inspiradas no universo real de quem brinca. Os mundos fantasiosos do brinquedo revelam a fertilidade inesgotável de simbolizar do impulso lúdico que habita o imaginário humano. (SANTIN, 1994, p.29)

A criança tem a necessidade de viver a emoção imaginativa através da

brincadeira, do seu espaço de liberdade, no qual vislumbra coisas novas. A brincadeira cria espaços onde conflitos podem ser expressos e transformados, ela possui marcas do real e do imaginário vivido pela criança. A imaginação se torna assim, uma mediação entre o vivido e o pensado.

No brincar, a criança expressa ludicamente seus pensamentos e suas emoções espontaneamente. Também é nesses momentos em que ela percebe o mundo da sua maneira e vive a sua corporeidade permeada pelas ações lúdicas. Assim como ela pode aguçar a sua criatividade e se expressar através do corpo que se-movimenta. Surdi explica que:

O que levou o homem a brincar foi, segundo Santin (1994, p.16), “o impulso lúdico”. É na dinâmica da ludicidade que surge o ato criador. No âmbito da alegria e do prazer é que as crianças ficam mais propensas a serem elas próprias e reinventam o mundo a cada momento, aguçando sua imaginação e, com isso, sua sensibilidade expressiva. (SURDI, 2014, p. 122)

O processo de fantasiar e imaginar são um processo de vida, um processo de expressão de sensações e sentimentos, no brincar elas ressignificam o cotidiano. Ou seja, a imaginação transforma ativamente seu mundo e a fantasia é o canal em que as crianças conseguem satisfazer suas necessidades.

No brincar há diferentes possibilidades e de significações no mundo, intensificando o poder imaginativo e criativo e a ludicidade os impulsiona. O brincar nesses termos não tem motivo aparente, se faz no presente, sem intenções futuras. Como as crianças vivem no brincar, as brincadeiras se tornam ações de invenção e de criatividade e o brincar se posiciona como um “se-movimentar criativo”.

A criança que se-movimenta cria sentidos e significados para tal, tendo este uma intencionalidade criativa. O ato de criação, não é necessariamente criar algo novo, mas sim dar sentido a algo ou a sua ação. Com isso o seu se-movimentar se torna uma vivência, com esse recuperamos a sensibilidade á percepção e a intuição.

5.5 O BRINCAR

Fenômeno ontológico e imanente da condição de ser criança, o Brincar é expressão pura da experiência e da cultura lúdica, uma essência da criança e é inseparável da condição de ser-corpo-sujeito-criança. Falar no Brincar da criança é

falar em liberdade, espontaneidade, criatividade, imaginação, aprendizagem, desenvolvimento, prazer, diversão, expressividade, afetividade, ato inerente do ser.

Com o Brincar a criança aprende, se expressa, se recicla, criando e recriando situações do dia a dia, incentivando sua imaginação e criatividade, reinventando o mundo em que vive e principalmente criando uma forma de se comunicar e socializar com ele. O Brincar se transforma assim em uma fonte de prazer e conhecimento.

Ele é um ato voluntário, sua essência está no ato de liberdade, é uma decisão interior, uma atividade que se esgota em si mesma, de dentro para fora do Ser, em que se estabelece a conexão entre o real e irreal, propiciando o contato íntimo com o lado sensível do Ser. Com isso se torna um momento de conhecimento de si e dos outros.

Entendemos como uma atividade livre, espontânea, voluntária, livre de regras pré-definidas e fixas, sem finalidade ou sentido fora de si, não havendo preocupação com resultados futuros. É uma fonte de lazer e prazer (HELAL, 1990). E para Santin (2001) o Brincar é o primeiro e original modo do ser humano se comportar e é um espaço de instauração do processo criativo, “uma maneira de ser do homem” (p. 84).

Fantin (2000) define o Brincar como uma aprendizagem que se baseia na imaginação ao mesmo tempo em que a enriquece, se tornando também uma atividade simbólica, representativa, criativa. “O Brincar da criança seria a imaginação em ação” (p. 85). Nesta ação é que as crianças criam e recriam o mundo em que vivem e aprendem a interpretá-lo pelo agir.

A criança aprende enquanto brinca, por isso brincar é coisa séria. A aprendizagem vai além dos aspectos sociais é uma construção do EU, desenvolvimento cognitivo do pensar, do desejo de saber, aprender e experienciar, imaginar e fantasiar. O poder de fantasiar e criar torna-se simbolizador, em que as crianças criam o que querem como querem, se integrando assim no mundo sociocultural, com o ambiente e consigo mesma.

Winnicott citado por Santim (2001) corrobora com essa ideia quando relata que o Ser só pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral quando brinca e assim também vai se constituindo como ser humano com relações mais ampliadas.

O Brincar da criança revela seu modo de ser, agir e pensar, pois é com ele

que ela exerce seu poder criativo do imaginário ocupando lugar central de criador do seu mundo. Brincando as crianças aprendem as relações que são importantes viver em que conhecem a realidade e a exploram.

O Brincar é a forma como as crianças dialogam com o mundo e consigo mesmas, devendo ser sempre criativo e imaginativo. Kunz e Costa (2015) apontam que o Brincar é o ato mais espontâneo, livre e criativo, sendo individual, cultural, universal, emocional e para as crianças, principalmente corporal.

Santin (2001, p. 57) expõe que “Brincar é fruir o corpo” e este se torna lúdico. O mesmo autor explica que Brincar é fazer o corpo sentir, viver, amar, vibrar e que quando brincamos pertencemos a nós mesmos, sendo assim é viver o corpo em sua plenitude. O corpo é meio de expressão da criança, para o mundo, para os outros ou para si mesma, durante o Brincar.

O Brincar como meio de expressão da criança importa quando se aprende a entender o que ela quer dizer com isso, pois sempre está exteriorizando algo que está sentindo e/ou pensando no seu Brincar, ou seja, o momento em que ela dá sentido às coisas. O corpo que brinca e se expressa, se movimenta. Kunz e Costa (2014, p. 26) relatam que “A criança, quando Brinca, se-movimenta e quando se-movimenta brinca, sempre a sua maneira”.

Sendo assim, o Brincar da criança é para ela além de uma linguagem, um Se-Movimentar, este é criativo, espontâneo, livre, considerado como o mais importante para o desenvolvimento integral do ser, podendo levar a criança a viver plenamente o seu “Livre Brincar e Se-Movimentar”. O Brincar livre é a forma de viver, de se expressar e de existir da criança.

6 O BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR – A LINGUAGEM DA CRIANÇA

Mundo da Criança

É sempre colorido, muitas vezes de papel
Com arcos, flechas, índios e soldados
Cheinho de presentes feitos por papai Noel
O mundo da criança é iluminado

Baleias gigantescas, violentos tubarões
Mistérios de um espaço submerso
Espaçonaves passam por dez mil constelações
O mundo da criança é um universo
O mundo da criança é um universo
(Toquinho)

6.1 O SE-MOVIMENTAR – A MANEIRA DE SER-NO-MUNDO

O Se-Movimentar humano é entendido como a expressão do existir do homem e do esclarecimento sobre o surgir da vida. Nele a capacidade humana ganha uma dimensão existencial, uma relação de “existir-para-o-mundo”. Ele se torna uma concepção dialógica do movimento humano, acentuando a capacidade relacional do ser, como ele se garante como um Ser-no-Mundo.

Esta dimensão do movimento humano é compreendida como o movimento próprio e uma forma original de se manifestar e interagir com o mundo, é também se referir intencionalmente a ele. Com isso ele nunca é neutro, sendo dirigido a algo. Mostrando e realizando algo.

A partir disso ele se torna um meio para experiências humanas ricas e variadas. O movimento passa a ser visto também como uma forma de entendimento e compreensão do homem nas suas relações, sendo a ação de se introduzir socialmente de forma dinâmica.

O Se-Movimentar é relacional e acontece de forma dialógica. A linguagem dessa forma realizada pode abrir horizontes para as relações afetivas, emocionais e

de sensibilidade. Com isso, pode se tornar uma experiência primordial de ser/estar no mundo, sendo um diálogo que o compreende pelo agir.

Ele tem uma relação entre sentido e significado, através das experiências. A pessoa...

[...] do 'se-movimentar' não pode simplesmente ser vista de forma isolada e abstrata, mas inserida numa rede complexa de relações e significados para com o mundo, que configura aquele 'acontecimento relacional', quando se dá o diálogo entre o homem e o mundo [...] envolve o sujeito deste acontecimento sempre na sua intencionalidade. É por meio desta intencionalidade que se constitui o sentido/significado do se-movimentar. Sentido/significado e intencionalidade têm, assim, uma relação muito estreita na concepção dialógica do movimento. (KUNZ, 2012, p. 208 e 209)

De acordo com Kunz (2014) quando este é analisado nesta perspectiva, deve levar em conta três dimensões, o ator, a situação e o sentido/significado. O ator se refere ao que pratica a ação, o sujeito que se-movimenta. A situação é o ambiente e a situação concreta em que o movimento acontece.

E por último o sentido/significado é responsável pela apreensão da estruturação que orienta as ações do movimento, nesta perspectiva, entendido como relacional e dialógico, se referindo a uma significação, em que, tenta se compreender o mundo pelo agir.

Kunz (2012, p. 246) explica que o "Se-Movimentar" é uma forma de "compreender-o-mundo-pelo-agir" e de se comunicar com o mesmo e com as pessoas, sendo assim uma "inerente necessidade humana". Também entendido como uma conduta significativa, fundado em um movimento com intencionalidade, mediado por uma relação significativa.

Para Trebels (2006, p. 40) se referir ao mundo intencionalmente, é um agir a partir de possibilidades individuais, o "Se-Movimentar" seria a forma como o SER age originalmente e se garante como "ser-no-mundo". Se trata da relação entre o ser, as coisas e o espaço e estão ligados à qualidade das vivências da pessoa, suas emoções, sensibilidade, intuição, experiência e percepção.

Araújo et al (2010) destacam que isso pode ocorrer, quando o Se-Movimentar ganha um significado, se tornando simbólico, expressivo e significativo. Estas significações são estabelecidas através das experiências e vivências do sujeito, principalmente o "Se-Movimentar" deve ser intencional relacionado ao sentido. "Um Se-Movimentar nunca é neutro, ele sempre é dirigido a algo, mostra algo, realiza

algo, etc. (Kunz, 2006, p. 20)”.

Em síntese, o Se-Movimentar pode ser compreendido como uma forma original de agir, em que se tem contato com o mundo vivido que é transformado pelo corpo em possibilidades de experiências. Estas proporcionam vivências de emoções, sensibilidade, percepção e intuição. Kunz (2010), com base em Gordijn, explica que há três modos de diálogo entre o ser e o mundo. Ele ocorre forma direta, apreendida e criativa ou inventiva.

A primeira forma, a direta, se refere que há uma resposta dos sujeitos ao mundo sendo experimentado o movimento e o viabilizando. No qual há uma transcendência de limites por uma intencionalidade espontânea, podendo ser entendida como o primeiro contato do movimento com a ação de conhecer e explorar.

Seria o momento inicial da construção de “de significados motores” pelo próprio sujeito. Aqui a experiência aparece como um importante meio para as primeiras experimentações com algo, ocorrendo de maneira direta, na imprevisibilidade e sem expectativas prévias (LARROSA, 2002).

A segunda, a apreendida, seria uma transcendência de limites na forma de aprendizagem de algo, com uma intencionalidade formada pela imagem ou intenção do movimento. Compreendendo um sentido para aprendizagem e um significado, eles sendo recriados e ressignificados.

A experiência passa a ser um importante no momento da imitação ou apreensão reflexiva dos movimentos e presente na experimentação, no entanto, voltada a solução de problemas, que surgem a partir do Se-Movimentar. A experiência é centrada e estabelece em elementos pessoal-situacional para surgir novos sentidos/significados.

A última é a criativa ou inventiva, entendida como o próprio movimento, em uma atitude reflexiva, em que o sentido já está redimensionado e ressignificado para uma apropriação do conhecimento. Seria uma transcendência de limites dependente da situação que se encontra o sujeito, por isso, de se chamar de pessoal-situacional, a partir da construção de novos sentidos/significados, a partir da resolução de problemas.

Essa forma de experiência e de viver o movimento pode ser considerada crítica e pode levar a uma aprendizagem do mundo para que este seja apreendido e

apropriado para sua percepção. O Se-Movimentar deve levar em consideração o indivíduo que se-movimenta em suas particularidades e suas relações socioculturais.

Os movimentos são condicionados às condições sociais do Ser que se-movimenta está inserido. Eles são meios para a autodescoberta, para interação social. Assim, que eles ganham sentido/significado, deixando de ser uma mera reprodução e repetição. Por isso...

[...] é possível se referir a relação dialógica do ser humano que se movimenta, de uma mútua intencionalidade, ou seja, da intenção do mundo sobre o autor de movimentos e vice-versa. O mundo dos objetos fixos e seguros, pelas definições físicas, perde sua identidade e passividade no ato de se movimentar. (TREBELS, 2006, p.41)

No Se-Movimentar se busca um Ser livre e autônomo, sendo o movimento uma forma corporal de ser/estar no universo, como também um comportamento, com determinações conscientes e afetivas da nossa existência, aberto às experiências. No Se-Movimentar o ser humano participa da constituição dos movimentos ao se relacionar com o seu exterior e expressar sua existência, com a criação de significados.

Ele é entendido como a expressão e a relação que o sujeito estabelece no âmbito de uma cultura de movimento a partir de seu Mundo Vivido. O Se-movimentar do Homem é ao lado de falar...

[...] pensar etc. uma das muitas formas em que a Unidade indivisível de Homem e Mundo se manifesta. E isto (sic!) significa que não se aceita a separação entre Homem e Mundo, entre Sujeito e Objeto ou entre Corpo e Mente [...] Mas existe entre ambos um relacionamento e que quando se dá via movimento, Gordjin chama de relacionamento Dialógico do Se-movimentar do Homem. Onde o se-movimentar significa uma conduta, uma intencionalidade, ou como prefere Merleau-Ponty, uma intencionalidade original. (KUNZ, 1988, p.3)

Nesta concepção de movimento é focalizado o sujeito que se-movimenta e não o movimento mecânico. Trebels (2006) apoiado em Gordijn explicita que os significados e sentidos não são individuais e que nosso mundo é sempre o vivido em que nossas possibilidades de Se-Movimentar se tornam humanas e significativas. Para isso as experiências são fundamentais, proporcionam a naturalidade e a originalidade do movimento.

Este é uma ação vinculada a uma determinada situação e relacionada a um

significado, e intencionalidade para a ação. É no Se-Movimentar que ocorre a unidade entre homem/mundo. O Se-Movimentar humano significa um...

[...] entendimento de inseparabilidade entre Homem-Mundo. A perspectiva de totalidade sempre foi exigência nas teorias filosófico-sociais dos últimos tempos, porém ela só é possível – no caso da análise do movimento humano – quando este ‘se-movimentar’ for compreendido como um modo especial de ‘estar-no-mundo’ e de uma atualização da unidade ‘primordial de homem-mundo’, como se apresenta na fenomenologia de Merleau-Ponty (1996). Desta forma, o ‘se-movimentar’ é sempre um acontecimento relacional entre Homem-Mundo, representado aqui como um diálogo. O movimento é entendido como um diálogo porque, como conduta humana, este modo de ser/estar é sempre um questionar e receber respostas, de ser questionado e de responder em relação ao mundo de movimentos, e, desta forma, mundo e movimentos vão se constituindo em significados. Esta relação dialógica é fator determinante na configuração de sentidos/significados subjetivos e objetivos. (KUNZ, 1998, p.9)

Os significados estão na interação que é compreendida pelo entendimento de que nessa ação humana se considera um sujeito que se comunica através dos seus movimentos próprios. Ela também depende do contexto social concreto em que o sujeito está inserido, já que o homem é um ser de relações e interação social. A ação do movimento é a inter-relação dos componentes na “conduta-no-se-movimentar”, que é uma forma de agir conjuntamente entre seres e coisas em meio a um contexto significativo.

Kunz (2012) explicita que todo ser humano tem uma necessidade inerente de Se-movimentar e a criança busca isso incessantemente através do seu Brincar, que pode ser a atividade mais livre, espontânea e criativa do ser. Nesta concepção a criança deve ser constituidora de sentidos e significados para o Se-Movimentar.

Explica ainda o autor que o ser humano nasce para ser livre e criativo o que deveria ser contemplado pelo seu Se-Movimentar e é contemplado na necessidade natural que a criança possui de Brincar, pois expressa sua criatividade. Ele poderá ir se tornando uma atividade social e cultural da criança, sendo um Se-Movimentar criativo.

Para criança o “Brincar e Se-Movimentar” é uma forma como ela experiência e como ela se expressa. Como também faz com que questione a realidade e viva com intencionalidade seu poder imaginativo e criativo. Castro e Kunz (2015, p. 125) explicam que:

A importância do brincar compreende uma forma de estar no mundo que

talvez seja a que seja a que mais nos aproxima do entendimento do ser-criança. O Se-Movimentar de forma livre e espontânea presente no brincar da criança, e porque, não, do ser humano de uma forma geral, no nosso dia a dia...

A criança quando Brinca exerce seu poder de criar e recriar a realidade que vive, se comunica através dos seus movimentos e brincadeiras, expressa suas emoções e desejos. O Brincar deve ser espontâneo e livre, para o prazer da criança, sem nenhuma perspectiva futura, sem ser o aqui e agora, o momento quem está ocorrendo.

6.2 O “BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR” DA CRIANÇA – A LINGUAGEM EM QUESTÃO

A criança saudável tem prazer em Se-Movimentar e a base deste é a necessidade natural que ela tem de Brincar. Chamamos de Natural porque o Ser nasce para ser livre e criativo, tais características que podem ser manifestadas no Brincar da criança.

O Brincar da criança é individual, emocional, universal, social, cultural, ou seja, total (COSTA, 2011), mas para isso deveria ser livre, espontâneo e criativo. Com ele pode se estabelecer uma relação dialógica relacional e não há outra perspectiva nele senão o prazer que se sente no ato de Brincar.

A expressividade da criança é feita pelo Brincar que ela expressa o que está sentindo e a sua realidade vivida. Esta é criada e recriada, modificada e assimilada através do ato de Brincar espontâneo. A criança vive brincando e vive do Brincar.

O Brincar-e-Se-Movimentar é uma forma de interpretar o mundo pelo agir e estabelecer uma relação, interação e comunicação com este através da experiência corporal. A interação e a experiência pelo movimento gera uma aprendizagem, não apenas uma imitação, pois leva em consideração a bagagem de cada Ser que Se-Movimenta. O Se-Movimentar envolve relações e significações próprias, o que pode possibilitar uma percepção de mundo.

A percepção ocorre por meio de experiências vividas, baseadas no mundo vivido da criança. O poder de imaginar, fantasiar, criar e recriar o real faz com que a criança viva inúmeras experiências intensas, mesmo que para nós adultos pareça que ela está fazendo a mesma coisa de igual modo. Entretanto, cada vez que ela faz

alguma coisa ela a ressignifica, fazendo que sempre seja uma experiência nova e única, levando á novas e intensas emoções.

A partir da imaginação a criança também tem a possibilidade e a liberdade de realizar coisas fora da realidade presente e expressam seus sentimentos. Isso a leva á ter uma experiência genuína com seus sentidos, com o corpo e sentimentos.

A experiência a que nos referimos é a que Larrosa (2002) define como algo que nos toca, algo consciente e refletido, com pleno envolvimento e participação da criança, sem um fim determinado, pois não se sabe onde ela vai parar. Ela acontece como uma viagem que leva a uma visão interior ou subjetiva, causando transformações no mundo vivido das crianças.

O mundo das crianças deveria ser o Brincar, que pode levar, através da imaginação e da fantasia, ás experiências, pelo movimento criativo, que pode ser definido e/ou compreendido como a experiência em ação ou vivido em ação. Assim, a criança se tornaria autora do movimento realizado, trilhando o caminho de novas descobertas de um jeito próprio, pelo seu Se-Movimentar, se relacionando e expressando através dele, que para a criança é o Brincar-e-Se-Movimentar. Dadas às circunstâncias expostas...

[...] apresentamos o “Brincar e Se-Movimentar”, este um conceito derivado da concepção teórico-filosófica do Movimento Humano que Kunz (2007) chama de Se-Movimentar. O Brincar, em geral, já vem conceituado na literatura sobre infância, mas no entendimento do autor não abrange todo o envolvimento da criança que brinca de forma livre e espontânea, por isso o uso da expressão “Brincar e Se-Movimentar”. (COSTA; KUNZ, 2013, p.52)

Neste momento a criança tem a possibilidade de experimentar os seus movimentos autênticos, sendo sua experiência primordial de estar e ser no mundo, possibilitando uma compreensão deste pelo seu agir. As experiências a partir do Brincar-e-Se-Movimentar não podem ser controladas, possuindo um caráter de imprevisibilidade, o que a torna um fenômeno único e insubstituível.

A experiência é um ato próprio de quem a vivencia, por isso autêntica, sendo o único resultado a própria experiência, além de que a percepção e o se-Movimentar da criança está em constante mudança. Para criança a experiência só tem sentido para ela, não sendo possível uma transmissão dela, pois ela deve ser significativa para quem está envolvido.

O Brincar-e-Se-Movimentar chama atenção para o sujeito, Ser que Brinca e Se-Movimenta, sendo considerado uma forma de expressão e comunicação da

criança por ela exteriorizar seu sentimento, pensamento, emoções e estabelecer suas relações através desse. Ele está intimamente relacionado e interligado com o movimento espontâneo, livre e expressivo, em que se amplia o mundo vivido, no momento do brincar por Brincar, no qual a criança apresenta sua essência, sua corporeidade e intuitividade pelo corpo.

Com as sensações, ocorridas no Brincar-e-Se-Movimentar, a criança pode traduzir em fenômenos corpóreos, percepção, imaginação, movimento. Este, nesta perspectiva, é visto como situações brincadas pela criança, o que pode levar a experiências fundadas na intuição, percepção e sensibilidade, permitindo uma experiência, produzindo cultura, conhecimento e saberes.

Costa e Kunz (2015, p.72) relatam que é isso que a criança precisa para viver, em situações que são constantemente atuantes e presentes, encontrando assim um sentido e significado para o que faz. Com isso “é preciso deixá-la livre para o seu ‘Brincar-e-Se-Movimentar’. Porque é neste ‘Brincar-e-Se-Movimentar’ que ela mesma se percebe, se relaciona, enfim dialoga com o mundo, com os outros e consigo mesma”. Neste relacionamento...

[...] da criança com seu “Brincar-e-Se-Movimentar” constatamos ser sempre dialógico porque a base de relacionamento desta conduta dialógica torna-se vivível, observável em um mundo objetivo. E é este mundo que a criança procura interpretar e descobrir. Enfim, constitui o motivo do diálogo e em consequência deste diálogo uma constituição de sentidos e significados para a vida. (COSTA, KUNZ, 2013, p. 73)

Por isso Staviski (2010) citando Heinkel (2003), considera que o Brincar é a linguagem mais séria da criança, que através dele ela vive sua individualidade e subjetividade, se constituindo como Ser de desejo, corpo, pensamento, dor e inteligência. No Brincar a criança...

[...] se doa por inteiro para o mundo cria, imagina, sofre, chora e mesmo assim se enche de alegria, é uma artista. Esta linguagem sensível e expressiva acontece no seu se-movimentar. Sua percepção do mundo é direta, mas como Merleau-Ponty destaca, é sempre corporal e repleta de significados. (COSTA & Kunz, 2015, P. 24)

A linguagem se torna para criança uma forma de brincadeira, como a brincadeira se torna uma forma de linguagem. Esta concepção leva em consideração os aspectos mais subjetivos, presentes na essência e intuitividade do movimento da criança.

A linguagem e o movimentar-se “humano (como diálogo com o mundo) são as poucas possibilidades que ainda nos restam para uma melhor compreensão de quem somos e ter, a partir deles, uma melhor consciência do mundo em que vivemos” (Kunz, 2004, p. 25).

Cada criança possui muitas formas de manifestar suas linguagens, sejam em forma de brincadeiras, jogos, mas é por meio do seu “Se-Movimentar” que ela expressa seu cotidiano, ela o faz com seu corpo, como um “Se-Movimentar”, que é “um fenômeno relacional de “Ser Humano-Mundo”, e caracteriza-se, sempre, como uma espécie de “diálogo”. Uma de nossas melhores linguagens de relacionamento nos diferentes contextos socioculturais, portanto, realiza-se via movimento” (Kunz, 2006, p. 21).

Também pode ser entendido como o agir pela espontaneidade, emoção, vida, intuição, sensibilidade, experiência. Sendo a manifestação primeira, uma maneira de se relacionar. Com o exposto trazemos o que Costa, Pedrini e Kunz (2014, p. 90) definem como sendo o “Se-Movimentar” para a criança, que “É perceptível que a criança com saúde tem sempre um enorme prazer em “Se-Movimentar””. A base deste está na necessidade natural da criança brincar.

Para os mesmos autores o “Brincar”, que é a essência deste “Se-Movimentar”, por isto ele chama de Brincar-e-Se-Movimentar. O verdadeiro mundo da criança deveria ser o Brincar-e-Se-Movimentar, que poderá se tornar uma atividade social e cultural, se tornando algo natural e espontâneo, pois “O brincar é o ato mais espontâneo, livre e criativo”²⁵, para o desenvolvimento pleno e integral do Ser.

“O brincar, em suma, é para ela um Se-Movimentar criativo”²⁶. E a criatividade vem do brincar, que pode ser uma maneira pela qual a criança se expressa pelo movimento, e de se formar um ser autônomo e criativo. Sendo assim, compreende-se o Brincar-e-Se-Movimentar, além de simples movimentos, uma aquisição de conhecimento, que pode ser traduzido em linguagem, auxiliando o ser no desenvolvimento sociocultural.

Para Kunz (2009), a capacidade de dialogar do homem é que o torna criativo, o Brincar-e-Se-Movimentar é a fase inicial deste diálogo que se inicia na infância.

²⁵ Costa, Pedrini e Kunz (2014, p. 90)

²⁶ Costa, Pedrini e Kunz (2014, p. 94)

Com ela as crianças tem a capacidade expressiva e intuitiva aguçada e Brincam e Se-movimentam das mais variadas formas e a partir de diversas atividades, experimentando e experienciando situações da sua realidade, que permitem conhecer a si, o outro e o contexto em que vive.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema central de pesquisa o Brincar-e-Se-Movimentar da criança entendido como sua natural e primeira forma de linguagem, objetivando, portanto caracterizar como tal e explicando os pontos de que porque é entendido como linguagem e natural necessidade humana. Partindo de uma pesquisa com delineamento de pesquisa teórica, objetivo trazer algumas perspectivas sobre o Brincar e Se-Movimentar da criança como forma de linguagem.

A linguagem entendida como um conjunto de signos ou símbolos, que vão adquirindo significados com o passar do tempo, que pode ser expressa de muitas formas. A linguagem serve ao indivíduo para comunicar seu pensamento, além de ser um meio de adaptação social, principalmente para a criança.

Ela contém um conjunto de instrumentos cognitivos ligados a serviço do pensamento e participa do processo de socialização e construção do mesmo. Ou seja, a linguagem expressa o pensamento.

Ela é de fundamental significado para comunicação, um processo de representação, pois é polissêmica, requerendo e permitindo várias interpretações, unindo fatores humanos, como o cognitivo, social e o afetivo. As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência.

Assim se passa a utilizar a função simbólica da linguagem, que pode ser utilizada na forma de gestos, movimentos, expressões, emoções. As emoções, também entendidas como a afetividade, estão presente na vida da criança com o que chamamos de atividades lúdicas, em que estão presentes o brincar, jogar, que quando a criança faz se diverte, tem prazer e alegria no que faz.

Falar em linguagem da criança significa falar em diferentes características como simbolismo, ludicidade, imaginação, representação. Para a criança a linguagem se reveste com caráter comunicativo, que ao mesmo tempo em que comunica algo, permite dizer alguma coisa. Ela está ligada ao desejo de exteriorizar os sentimentos através de atos comunicativos.

As crianças possuem múltiplas maneiras de se comunicarem, pode ser por um olhar, um abraço, um movimento, uma palavra, um gesto, uma brincadeira, uma atividade, ou seja, as crianças possuem múltiplas linguagens. A linguagem da

criança, por esta ser composta por símbolos e signos, ainda é expressividade e comunicação, que ocorre também e primordialmente através do corpo. Em que o corpo cria significações e se comunica, dando sentido ao movimento corporal, uma intencionalidade, é ele que vai refletir o mundo vivido da pessoa.

O "Se-Movimentar" é considerado como uma forma de "compreender-o-mundo-pelo-agir" e de se comunicar com o mesmo e com as pessoas, sendo assim uma "inerente necessidade humana". Também entendido como uma conduta significativa, fundado em um movimento com intencionalidade, mediado por uma relação significativa, é se referir ao mundo intencionalmente, um agir a partir de possibilidades individuais.

Entendida como uma concepção dialógica do movimento e do "Se-movimentar", quando estes ganham um significado, se tornando simbólico, expressivo e significativo. Estas significações são estabelecidas através das experiências e vivências do sujeito com o mundo, e principalmente o "Se-Movimentar" deve ser um movimento intencional que se relaciona ao sentido, pois ele é um comportamento pleno de sentido.

Esta concepção dialógica do movimento humano leva em consideração os aspectos mais subjetivos, livres e espontâneos, presentes na essência e intuitividade do movimento da criança. Cada criança possui muitas formas de manifestar suas linguagens, sejam em forma de brincadeiras, jogos, mas é por meio do seu "Se-Movimentar" que ela expressa seu cotidiano, ela o faz com seu corpo, este servindo como uma forma de interação. O corpo "fala, cria e aprende com o movimento", através do gesto, da vivência, da experiência.

O Se-Movimentar pode ser entendido como o agir pela espontaneidade, emoção, vida, intuição, sensibilidade, experiência. Sendo a manifestação primeira, uma maneira de se relacionar, um comportamento pleno de sentidos e significados. A brincadeira, surge como uma experiência corporal que a criança se comunica, internaliza comportamentos, atua com significados e signos simbólicos, representativo ou imaginário, experimentando e se comunicando com o corpo.

Falar no Brincar da criança é falar em liberdade, espontaneidade, criatividade, imaginação, aprendizagem, prazer, diversão, expressividade, afetividade, ato inerente do ser. Com o Brincar a criança aprende, se expressa, se recicla, criando e

recriando situações do dia a dia, incentivando sua imaginação e criatividade, reinventando o mundo que vive e principalmente criando uma forma de se comunicar e socializar com ele. O Brincar se transforma assim em uma fonte de prazer e conhecimento.

O Brincar deve ser uma atividade espontânea, voluntária, livre de regras pré-definidas e fixas, sem finalidade ou sentido fora de si, não havendo preocupação com resultados futuros, é uma fonte de lazer e prazer. O Brincar pode ser definido como o primeiro e original modo do ser humano se comportar e um espaço de instauração do processo criativo, “uma maneira de ser do homem”.

Também uma aprendizagem que se baseia na imaginação ao mesmo tempo em que a enriquece, se tornando também uma atividade simbólica, representativa e criativa. O Brincar da criança seria a imaginação em ação. Nesta ação que as crianças criam e recriam o mundo em que vivem e aprendem a interpretá-lo pelo agir.

Através da brincadeira que a criança expressa seus desejos, sua compreensão do mundo e se comunica com ele, assim ela expressa e exterioriza seu pensamento. É no brincar que a criança cria o mundo que ela deseja, sonha ter, tornando-se mediador entre “criança/mundo/realidade”, sendo simbologia, linguagem, maneira de pensar e agir, um modo de ser, “Brincar significa fazer o corpo sentir, amar, viver e vibrar”, a principal maneira da criança se relacionar consigo e com os outros.

O mundo da criança é brincar, e este acontece quando ela está em liberdade para se movimentar, criar, se expressar, já que o movimento é expressividade, é gesto, é linguagem, é comunicação. O corpo da criança está em constante movimento e é a partir dele que podemos desenvolver nossa linguagem, no sentido de diálogo, comunicação, como também exteriorizar as experiências vividas.

As crianças descobrem o mundo a partir do "Se-Movimentar", que é sua linguagem da criança. O “Brincar”, é considerado a essência do “Se-Movimentar”, por isto chamamos de “Brincar e Se-Movimentar”, também é um Se-Movimentar criativo.

Mas para ser criativo, a capacidade de diálogo com o mundo, com os outros e consigo mesmo é essencial. E ainda, para ser criativa a criança não precisa inventar

sempre algo novo, mas atribuir sentidos no que realiza, para isso precisa ser livre, algo espontâneo.

E a criatividade vem do brincar, que além de ser a forma de diálogo com o mundo, é uma maneira pela qual a criança se expressa pelo movimento, e se forma um ser autônomo e criativo. Sendo assim, compreende-se o “Brincar e Se-Movimentar”, além de simples movimentos, uma aquisição de conhecimento, que pode ser traduzido em linguagem, auxiliando o ser no desenvolvimento sociocultural.

O Brincar da criança é expressivo, individual, emocional, livre, em que ela expressa o que está sentindo e sua realidade, uma forma de interpretar o mundo pelo agir, isso através do Se-Movimentar. As experiências levam a percepção de si e um poder de imaginar e criar, ressignificando o seu mundo vivido através do diálogo corporal e do Se-Movimentar criativo.

A capacidade de dialogar do homem é que o torna criativo, o “Brincar e Se-Movimentar” seria a fase inicial deste diálogo que se inicia na infância. Sua expressividade e comunicação através do movimento faz com que ela se forme um Ser autônomo e criativo.

O brincar é, dotado de sentidos e significados, por ele que a criança experiencia as formas de ser, ele também serve como linguagem. Ele é emocional, universal, social, individual, corporal, natural, total do ser, só tem um, porém, deve ser livre, para ser brincar, para ser diálogo, para ser linguagem, e para o “Brincar e Se-Movimentar”.

Para a criança deve estar ligado a ludicidade, imaginação, representação, se revertendo no caráter comunicativo. Transformando-se em diálogo e linguagem, sendo um momento de livre expressividade, gestualidade e movimento, no qual a criança expressa exatamente o que está sentido, através do "Se-Movimentar".

Por isso que a linguagem pode ser de múltiplas maneiras, mas a da criança, a considerada como inerente e primeira chamamos o Brincar-e-Se-Movimentar, sendo este dialógico, no qual a criança tenta descobrir, se relacionar e dialogar com o mundo. Esse brincar deveria ser totalmente livre e voltado para um fim em si em que se vive a subjetividade do Ser e a sua individualidade.

Considerada a linguagem mais séria da criança, O Brincar pode ser

considerado a forma como se vive a individualidade e a subjetividade do Ser. Dotado de criatividade, é uma forma iminentemente cultural de se comunicar e se expressar. Com esta atividade se expressam as mais variadas emoções, sentimentos, vontades, realidades, desejos e se pode desenvolver a imaginação e criatividade.

8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AHLERT, Alvorí. **A teoria da ação comunicativa como paradigma para a formação ética dos profissionais da Educação Física**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 141-161, setembro/dezembro de 2008.

ALMEIDA, L.; FENSTERSEIFER, P. E.; BRACHT, V. Experiência. In. GONZÁLEZ, Fernando Jaime. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Organizadores). **Dicionário Crítico da Educação Física**. 3ª edição revisada e ampliada, Editora Ijuí, 2014.

ARAÚJO, Lísia Costa Gonçalves de. DOMINGUES, Soraya Corrêa. KUNZ, Elenor. SURDI, Aguinaldo Cesar. **Ontologia do movimento humano: teoria do “se-movimentar” humano**. Rev. Pensar a prática. Goiânia, v. 13, n.3, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/9782/8388> Acesso em 20 de março de 2014.

BORNIOTTI. MARIELLE LOPES. **A LINGUAGEM E O PENSAMENTO NA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE PIAGET**. Trabalho apresentado para a Conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências UNESP – campus de Bauru. Bauru. 2007.

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 6.ed. – São Paulo: Cortez, 2006. - (Coleção Questões da Nossa Época; v.43).

BROUGÉRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 2ª edição São Paulo: Cortez, 1997.

CARDIM, Leandro Neves. **A ambigüidade na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção de título de Doutor em Filosofia. São Paulo, 2007.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Infâncias e Crianças na Corporeidade**. In. GONZÁLEZ, Fernando Jaime. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Organizadores). **Dicionário Crítico da Educação Física**. 3ª edição revisada e ampliada, Editora Ijuí, 2014.

CASTRO, Felipe Barroso de. KUNZ, Elenor. **O Fazer Experiência do Ser-Criança: Entre o Estímulo e a Descoberta.** In: KUNZ, Elenor (organizador) Brincar e Se-Movimentar: tempos e espaços de vida da criança. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

COSTA, Andrize Ramires. **Crianças, o que elas querem e precisam do mundo, do adulto e delas mesmas?** (dissertação de mestrado) – Florianópolis, SC, 2011.

COSTA, Andrize Ramires. KUNZ, Elenor. **O "Brincar e Se-movimentar" como base teórico-filosófica para a compreensão do ser criança.** In: Jorge Fernando Hermida, Sidirley de Jesus Barreto (org.) Educação infantil: temas em debate. - João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2013.

COSTA, Andrize Ramires. PERINI, Luana. KUNZ, Elenor. **O "Brincar e Se-movimentar" como fundamento básico da educação física na educação infantil.** In: Beatriz Oliveira pereira; Alberto Nídio Silva; Antônio Camilo Cunha; Juarez Vieira Nascimento. Ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, v.1, 2014.

CUNHA, Rachel Nunes da; VERNEQUE, Luciana Patrícia Silva. Notícia: Centenário de BF Skinner (1904-1990): Uma Ciência do Comportamento humano para o Futuro do Mundo e da Humanidade. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 1, abril de 2004. Disponível a partir http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em 7 de fevereiro de 2015.

DEMO, Pedro – 1941. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa.** Campinas: Autores Associados, 1996.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais.** – 3 Ed. rev. Ampl. _11. reimp. _ São Paulo: Atlas 2007.

EDWARDS, Carolyn; GRANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.**

[tradução Dayse Batista]. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. Rio de Janeiro (RJ): Scipione, 2002.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação? Prefácio de Jacques Chonchol**. 7ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método 1: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução Flávio Paulo Meurer. Revisão de Tradução Enio Paulo Giachini. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 16 ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007.

GOSWAMI, Amit. **Criatividade quântica: como despertar o nosso potencial criativo**. Trad. Cássia Nasser, Marcelo Borges; - São Paulo: Aleph, 2008.

HELAL, Ronaldo George. **O que é sociologia do esporte**. Editora Brasiliense – São Paulo – SP, 1ª ed., 1990.

HIRSCH-PASEK, Kathy. **Einstein teve tempo para brincar: como nossos filhos realmente aprendem e por que eles precisam brincar/** Kathy Hirsch-Pasek e Roberta Micvnick Golinkoff, com Diane Eyer; tradução de Vitoria Davis; ilustrações Phill Guzi. - Rio de Janeiro: Guarda-Chuva, 2006.

HONORÉ, Carl, 1967. **Sob Pressão**. Tradução de José Grandel. - Rio de Janeiro: Record, 2009.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Manuela P. Santos e Alexandre F. Morujão. 5ª Ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2001. Disponível em: [HTTP://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000016.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000016.pdf). Acesso em: 18/11/2015

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. PERSPECTWA. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 22.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogos Tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1993.

KUNZ, Elenor. Movimentação. **Trabalho apresentado no I congresso de Educação Física da APEF**. Florianópolis, 1988.

KUNZ, Elenor. Limitações no fazer ciência em educação física e esportes: CBCE, 20 anos auxiliando na superação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, número especial – 20 anos CBCE, set., 1998.

KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 2**. 2ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

KUNZ, Elenor. **Educação Física crítico-emancipatória: como uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**./ Org. Elenor Kunz, Andreas Heinrich Trebels. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

KUNZ, Elenor. **Percepção, sensibilidade e intuição para as possibilidades criativas no esporte**. In: Stigger, M.P.; Lovisoló, H. (org) Esporte de rendimento e esporte na escola. Campinas: Autores associados, 2009.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: Ensino e mudanças**. 3 Ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 1**. 5ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 2**. 4ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

KUNZ, Elenor. COSTA, Andrize Ramires. **A imprescindível e Vital Necessidade da Criança: “Brincar e Se-Movimentar”**. In. KUNZ, Elenor (organizador) Brincar e Se-Movimentar: tempos e espaços de vida da criança. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, Nº 19.

LARROSA, Jorge. **Experiência e Alteridade em Educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

MARCASSA, Luciana. Lúdico. In: Fernando Jaime Gonzáles, Paulo Evaldo Fenterseifer (org); **Dicionário Crítico de Educação física**, - 3ª ed. rev. E ampl. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

MARTÍN, José San. **Percepção**. In. GONZÁLEZ, Fernando Jaime. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Organizadores). Dicionário Crítico da Educação Física. 3ª edição revisada e ampliada, Editora Ijuí, 2014.

MATURANA, Humberto R.. **Emoções e Linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado á democracia**. Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **As relações com o outro na criança**. Trad. de José Carlos Lassi Caldeira e José Américo de Miranda Barros. Belo Horizonte: SEGCP/Imprensa Oficial, 1984.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. [tradução Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira, Revisão de tradução: Paulo Azevedo Neves da Silva]. Livraria Martins Fontes Editora LTDA, São Paulo, SP, 1991.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. (2004). **A dúvida de Cézanne** (P. Neves; M. Pereira, Trad.). São Paulo: Cosac & Naify. (Texto original publicado em 1966) Merleau-Ponty, M. (2004). **Conversas – 1948** (F. Landa e E. Landa, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1948)

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**. 1908-1961. [tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTOYA, Adrián Oscar Dongo. **Pensamento e linguagem: percurso piagetiano de investigação**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.11, n.1, jan./abr. 2006.

NÓBREGA, Teresinha Petrucia da. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. Estudos de Psicologia 2008, 13(2). Acervo disponível em: www.scielo.br/epsic

NÓBREGA, Teresinha Petrucia da. **Corpo e natureza em Merleau-Ponty**. Movimento, Porto Alegre, v.20, n.3, jul./set. De 2014.

OAKLANDER, Violet. **Descobrendo Crianças, a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus editorial, 1980.

PÁVIA, Víctor. **Jogo**. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Organizadores). Dicionário Crítico da Educação Física. 3ª edição revisada e ampliada, Editora Ijuí, 2014.

PEREIRA, Cacia Linhares. **Piaget, Vygotsky e Wallon: contribuições para os estudos da linguagem**. Psicol. estud. vol.17 no.2 Maringá abr./jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722012000200011&script=sci_arttext Acesso em 20 de março de 2014.

PEREZ, Miriam Azevedo Hernandez. **Teoria do agir comunicativo e estado democrático de direito**. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XV, n. 103, ago 2012. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12146&revista_caderno=15. Acesso em mar 2015.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 1896. [tradução de Álvaro Cabral e Cristiano Monteiro Oiticina]. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar; Brasília, INL, 1975.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. 1896-1980. [tradução Manuel Campos; revisão da tradução e texto final Marina Appenzeller e Áurea Regina Sartori. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim; Paulo Sérgio Lima Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

PIAGET, Jean. INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Trad. Octávio Mendes Cajado. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

PINTO, José Marcelino de Rezende. A teoria da ação comunicativa de Jürgen

Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. **Paidéia (Ribeirão Preto)**. Ribeirão Preto, n. 8-9, Aug. 1995. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1995000100007&lng=en&nrm=iso. access on 15 Mar. 2015.

RECTOR, Monica. TRINTA, Aluizio Ramos. **Comunicação do Corpo**. Ed. Ática S.A. São Paulo, 1990.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RUEDELL, Aloísio. **Linguagem**. In. GONZÁLEZ, Fernando Jaime. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Organizadores). **Dicionário Crítico da Educação Física**. 3ª edição revisada e ampliada, Editora Ijuí, 2014.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. - Ijuí: Liv. Unijuí Ed., 1987.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico á opressão do rendimento**. Porto Alegre, RS, Edições EST/ESEF-UFRGS, 1994.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico á opressão do rendimento**. 3ed. ampliada. Ed. EST. - Porto Alegre, RS, 2001.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In:_____. **As crianças: contextos e identidades**. Porto: Universidade do Porto, Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 9-30.

SCHÉRER, René. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Linguagem Corporal**. In. GONZÁLEZ, Fernando Jaime. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Organizadores). **Dicionário Crítico da Educação Física**. 3ª edição revisada e ampliada, Editora Ijuí, 2014.

SILVA, José Manuel. **Pensamento e Linguagem em Lev Vygotski e Jean Piaget**. Instituto Politécnico da Guarda. Abril, 2006.

SILVA, Eliane Gomes da. **Educação (física) infantil: Se-movimentar e**

significação. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA, Dener Luiz da. **Do Gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica.** Rev. Educar. Curitiba. n.30. 2007. Editora UFPR.

SIMÃO, Márcia Buss. **Educação física na educação infantil: refletindo sobre a “hora da educação física”.** Revista Motrivivência. Ano XVII, Nº 25, P. 163-172 Dez./2005.

SIMON, Heloísa dos Santos. **O Brincar-e-se-movimentar e a imaginação da criança.** Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós – Graduação em Educação Física. Orientador – Elenor Kunz, Florianópolis, SC, 2013.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução á Fenomenologia.** Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. Ed. Loyola, Ipiranga, SP, 2ª edição, setembro de 2010.

SOUZA, Edison Roberto. **Jogo e educação.** In: PEREIRA, Beatriz Oliveira; SILVA, Alberto Nídio; CUNHA, Antônio Camilo; NASCIMENTO, Juarez Vieira do (orgs). Atividade física, saúde e lazer; olhar e pensar o corpo. – 1. ed. – Florianópolis: Tribo da ilha, 2014.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. **As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico.** Psic.: Teor. e Pesq. Vol.27 no.2 Brasília abr./jun. 2011. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000200005&lng=pt&nrm=abn Acesso em 20 de março de 2014.

SOUZA, Patrícia do Carmo. **Ludicidade: um caminho para a aprendizagem.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Pedagogia. Campus I. 2011.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vigotsky e Benjamin.** – Campinas. São Paulo. Papyrus: 1994.

STAVISKI, Gilmar. **Sem tempo de ser criança: reflexões sobre o tempo no brincar e se-movimentar de crianças.** (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação Física UFSC). Florianópolis, SC, 2010.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Linguagem Corporal.** In. GONZÁLEZ,

Fernando Jaime. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Organizadores). Dicionário Crítico da Educação Física. 3ª edição revisada e ampliada, Editora Ijuí, 2014.

SURDI, Aguinaldo César. **Educação e Sensibilidade: o Brincar e o Se-Movimentar da Criança Pequena**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFSC, Florianópolis, SC, 2014.

TEIXEIRA, Edival Sebastião. **A questão da periodização do desenvolvimento psicológico em Wallon e em Vigotski: alguns aspectos de duas teorias**. Educ. Pesqui. v.29 n.2 São Paulo jul./dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000200003&lng=pt&nrm=abn Acesso em 20 de março de 2014.

TREBELS, A. A concepção dialógica do movimento humano: uma teoria do “Se-movimentar”. In: KUNZ, E.; TREBELS, A. H. (Org.). **Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2006.

VARELA, Francisco. Artigo 2 (1997). Disponível em: http://www.ccr.jussieu.fr/varela/human_consciousness/article02.html.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Técnica, esporte, rendimento**. In: STIGGER, Marco Paulo. Lovisolo, Hugo. (orgs.). **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola**. Campinas, SP: Autores associados, 2009.

[VERDEN-ZOLLER, G.](#) **O Brincar na Relação Materno-Infantil: fundamentos biológicos da consciência de si mesmo e da consciência social**. In: MATURANA, H. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado á democracia**. São Paulo: Palas, 2004. p. 117-216.

VIGOTISKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra – 2ª ed. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTISKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. 1896-1934 Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook eBooksBrasil Fonte Digital. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org).

VIGOTISKY, Lev Semenovich. **A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Capolla Neto. Luís S. Menna Barreto. Solange Castro Afeche. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VITÓRIA, Maria Inês Corte. **Múltiplas linguagens na educação infantil: a Criança sob nova ótica, nova ética e nova estética.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
Disponível em: <http://www.drb-assessoria.com.br/25multiplaslinguagemnaeducacaoinfantil.pdf>

VYGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte en la infancia.** 2^a ed. Madrid: Ediciones AKAL S. A, 1990.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança.** Trad. Doris Sanches Pinheiro. Fernanda Alves Braga. São Paulo, Manole, 1989.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Introdução de Émile Jalley. Trad. Claudia Berliner. Rev. Izabel Galvão – São Paulo: Martins Fontes, 2007.